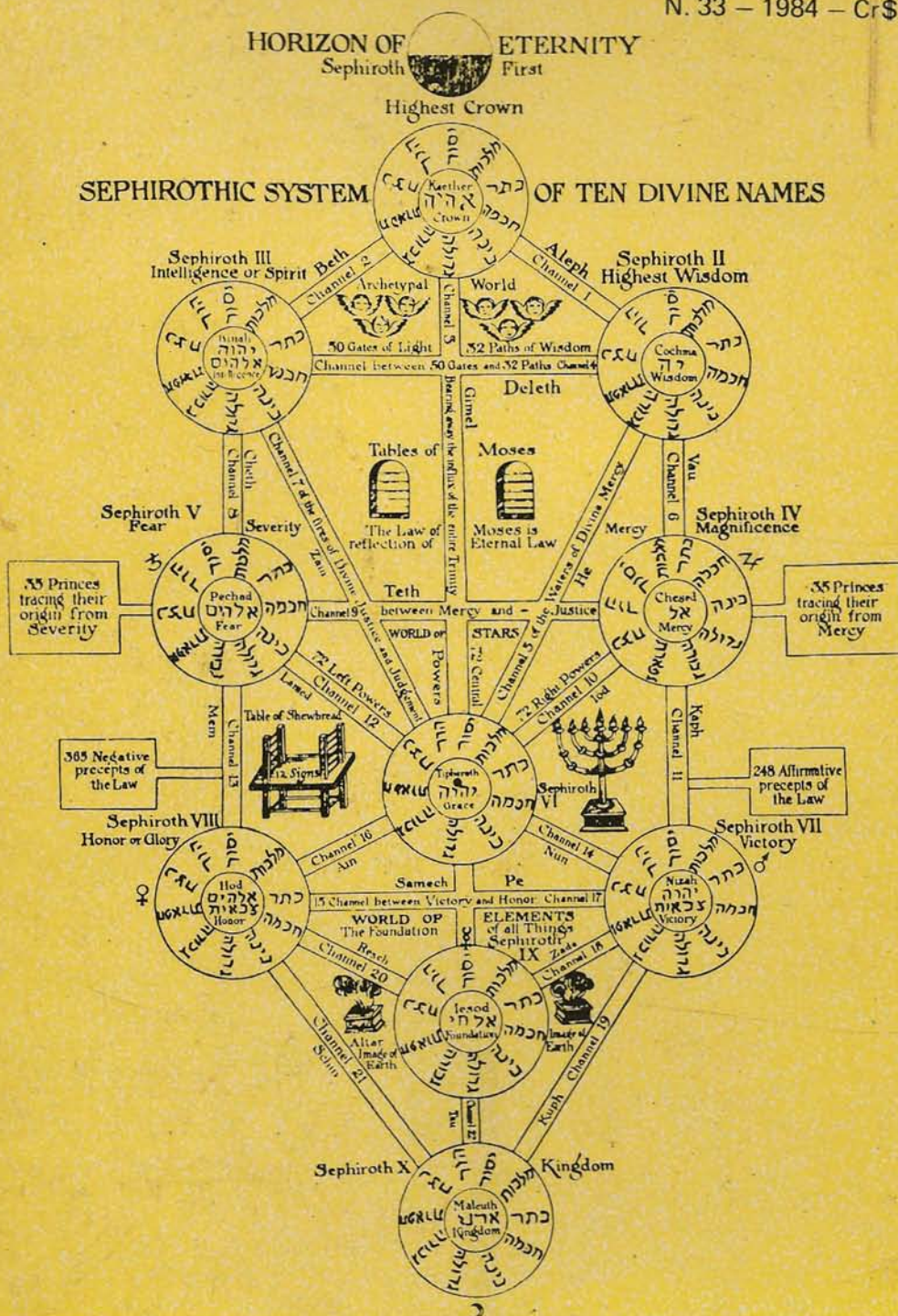


THOT



N. 33 - 1984 - Cr\$ 1.000,00



INTRODUÇÃO À KABBALA

PALAS ATHENA

CENTRO
DE ESTUDOS

PALAS ATHENA

Av. Cristovão Colombo, 2149
sala 315-Floresta
PORTO ALEGRE
RS

**Um Centro
de Estudos
Filosóficos
para quem busca
viver filosoficamente.**

**CURSOS CONFERÊNCIAS
CICLOS CULTURAIS CON
CERTOS BIBLIOTECA FIL
MESEXPOSIÇÃO ESCORAL**

Rua Leôncio de Carvalho, 99, Paraíso, S P
- fone: 288.7356



THOT, divindade egípcia, é talvez o mais misterioso e menos compreendido dos deuses do antigo "Kemet". É o símbolo da sabedoria e da autoridade. É o escriba silencioso que, com sua cabeça de íbis, a pena e a tabuleta, registra os pensamentos, palavras e atos dos homens, que mais tarde serão pesados na balança da Justiça. Platão diz que THOT foi o criador dos números, da geometria e das letras. A cruz (Tau, no Egito) que leva em sua mão é o símbolo da vida eterna, emblema da sabedoria divina.

EDITORES

Associação PALAS ATHENA do Brasil
Lia Diskin
Basílio Pawlowicz
Primo Augusto Gerbelli

PRODUÇÃO

Sérgio Marques; Carla Teso; João Fernandes Filho

EQUIPE THOT

Emílio Moufarrige Jr; Lucia Brandão Saft; Lucia Benfatti; David Cohen; Marina Moraes; Lucy Blumental; Mara Novello; Fatima Flores Jardim; Rosa Indáttilo; Therezinha Siqueira Campos; Zildo Trajano de Lucena; José Caruso Filho; George Barcat; Renata de Césare

FOTOLITO CAPA

Polychrom

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Gráfica PALAS ATHENA
Fone: 297-6288

Não publicamos matérias redacionais pagas. Permitida reprodução, citando origem. Os números atrasados são vendidos ao preço do último número publicado. Assinatura anual: Cr\$6.000,00 — cheque em nome da Associação PALAS ATHENA do Brasil; rua Leônicio de Carvalho, 99 — CEP 04003 — Paraíso — São Paulo — SP. Telefone: 288.7356. A responsabilidade pelos artigos assinados cabe aos autores. Matrícula n. 2046/Registro no DCDP do Departamento de Polícia Federal sob n. 1586 P 209/73.

NOSSA CAPA: Árvore "sephirota" dos cabalistas medievais, composta por dez círculos ligados por vinte e dois canais, relacionados estes às vinte e duas letras do alfabeto hebraico. Segundo os cabalistas, esta árvore é a chave que guarda os mistérios da Vida e da Criação; também é chamada o "caminho da Sabedoria". Desenho do livro "Edipus Aegyptiacus" de Kircher.

Aos Apocalípticos

Senhores, chega! Já cansaram! Mil previsões sobre a destruição, aniquilamento e extinção deste planeta pairam sobre as nossas cabeças. Descrições minuciosas a respeito das condições em que chegaremos a esse "último dia" preenchem folhas, quadros, filmes, armazenando arquivos próprios do mais requintado espírito mórbido.

Que não vivemos no melhor dos mundos é óbvio; entretanto, tampouco vivemos no pior deles. Hoje a escravatura é árvore seca que ninguém está disposto a alimentar, e sua lembrança causa repúdio até ao mais simples dos mortais.

A religião deixou de ser o narcotizante para as vicissitudes da vida ou o prêmio de um paraíso que compense as agruras terrenas.

A ciência está abandonando suas escuras bitolas e caminha a passos largos em busca de um encontro com algo que a justifique ante os olhos de uma realidade maior e, conseqüentemente, mais espiritual.

Os homens se revoltam e lutam por ampliar os horizontes da justiça na mais diversas áreas da ação humana; e os jovens não mais pactuam com ideologias de um pseudo-patriotismo onde a ambição vestia suas melhores roupas.

Poder-se-á dizer que isto acontece em muito poucos lugares do planeta. Mas acontece e isto é o importante! Uma nova percepção do mundo está em avanço; uma consciência renascida num campo de profundas dores engatinha e vai abrindo espaços cada vez mais significativos.

A despeito dos apocalípticos constroem-se templos, bibliotecas, teatros, universidades; erguem-se grupos humanistas que vão somando seus esforços e ideais num abraço interdisciplinar de culturas, religiões, filosofias, ciências e artes.

A intolerância de credos é uma sombra que empalidece condenada, como todo espectro, a fugir da luz. A hipocrisia dos muitos, usurpadora dos bons costumes, vai perdendo seus galantes e fiéis amigos ante a ascensão de uma liberdade ainda jovem, por isso mesmo, inquieta e revoltosa.

Não! Não estamos no melhor dos mundos. Mas é o único que temos, e se a nossa máxima for pensar em construir, sentir no construir, falar de construir, sonhar construindo, talvez não nos sobre muito tempo para estarmos matutando sobre esse "último dia", pois ele terá fugido espantado ante tamanho poder de construção! E a despeito dos apocalípticos, ainda há tempo. . .

Lia Diskin

ÍNDICE

Editorial	1	A Cor e sua Função Simbólica em algumas Culturas	23
Os Mensageiros do Destino		Yolanda Lhullier dos Santos	
Nissin Cohen	2	René Füllöp Miller — Posição Filosófica	29
Respeito pelo Passado, Compromisso pelo Futuro		Fé e Razão — Ivone Pletsch	
Zildo Trajano de Lucena	7	O Universalismo em Ashoka	31
O Poder do Mantra na Meditação		Liliana Garcia Daris	
Swami Tilak	9	O homem e seus Símbolos Iniciáticos —	
Atualidades	17	O Homem e o Tempo — Basílio Pawlowicz	36
À Guisa de uma Introdução ao Estudo da Kabbala		Poesias de Amado Nervo	39
Ignácio da Silva Telles	19	Página dos Leitores	40

Os Mensageiros do Destino

Estes grisalhos cabelos em minha cabeça surgidos
São mensageiros-da-Morte a mim aparecidos.

(Mahâdeva Jâtaka Nº. 9, i.73)

I- Introdução

Recentemente, quando atravessávamos de carro a cidadezinha de Cunha, deparamos com uma figura extraordinária e das mais impressionantes de que temos lembrança em nossa vida. Era um ancião, certamente um centenário; tinha um rosto descomunalmente alongado e deformado: a bochecha de uma face estava repuxada e recobria parcialmente a outra, com o que o nariz comprido tinha estranha forma curvilínea; uma pequena fenda, deslocada do centro, fazia a vez da boca; duas escuras órbitas encaçadas como que no centro de uma fronte altiva que carecia de qualquer indício de sobrancelhas; escassos cabelos esbranquecidos. Era de baixa estatura e magro; tinha uma das pernas pregadas à frente da outra, o que fazia com que ele andasse devagar e penosamente. Era uma aparição inesquecível e tocante, que mexeu com todo o nosso ser: acabávamos de avistar o primeiro mensageiro de Yama, o rei da Impermanência e Morte.

Premido pelos instintos naturais, herança de sua espécie; submetido a um contínuo processo de condicionamento, desde o berço, por seus semelhantes e pelo ambiente circundante; obsecado por visões deturpadas do mundo e dos fenômenos, originárias de fatores mentais insalutares e inábeis, age o homem no sentido de adquirir para si condições mínimas de segurança consideradas por ele imprescindíveis à sua sobrevivência. Paralelamente, impelido pelos seus desejos insaciáveis, persegue ele, ansioso e angustiado, miríades de objetivos que lhe garantirão, assim ele acredita, a tão almejada felicidade; e isto ele faz qual macaco a pular de galho em galho à cata de frutas que nunca o satisfazem.

Ao contrário do que muitos poderiam pensar, todos os homens, em maior ou menor grau, estão afetos a tal fenômeno; tampouco deve-se pensar estar o homem inclinado apenas aos prazeres sensuais e materiais. Isto porque, de um lado, o homem é acossado também por desejos cuja satisfação está

focalizada em objetivos intelectuais e culturais, que passam a ser questionáveis a partir do momento em que estes adquirem pretensamente a tônica de espúrias atividades espirituais; de outro lado, existem os riscos inerentes às genuínas atividades espirituais que, se não vigiadas e controladas constantemente, podem facilmente descarrilar (Veja sobre este assunto a excelente análise do ex-Lama Chögyam Trungpa: "Spiritual Materialism", Shambhala Press).

Omisso quanto aos verdadeiros deveres que lhe cabe cumprir tanto em relação a si quanto em relação aos outros, negligente umas vezes, indolente outras, leva o homem uma existência à qual tenta imprimir uma fingida característica de eternidade. Enquanto tudo parece correr favoravelmente, o homem fica insensível ao verdadeiro processo vital e inconsciente do papel que nele deveria desempenhar. Na sua cegueira não enxerga ou, quando vê, não reconhece os avisos prévios que o "destino" lhe antepõe para alertá-lo e preveni-lo. Quando, porém, algo parece sair errado, ou a hora "fatal" parece estar próxima, o homem é tomado de pavor e, não raro, entra em pânico. Nessa hora, para ele aterradora, ele lança às vezes mão de todo tipo de artifício tentando ludibriar o destino e compactuar com a morte, no que, para sua desgraça, é auxiliado por algumas religiões que lhe acenam com a possibilidade de salvação à última hora, independentemente do tipo de vida que ele tenha levado anteriormente. Não obstante, a sabedoria popular, já de há muito, formulou a Verdade num adágio de alcance universal, pelo qual "de acordo com o que semeares, assim mesmo colherás". Esta maneira de encarar as ações e suas retribuições faz parte também do autêntico ensinamento bíblico, conforme se pode atestar em inúmeros trechos, tais como Jo 4-8, Pr 11-18, 29 Ep. Coríntios 9-6, Ga 6-7, etc. Diz o texto budista "Dhammapada" que esteja o homem onde estiver, ele não escapará da morte; tampouco deixará ele de

colher os frutos das suas ações (carma), seja nesta vida, seja nas vindouras.

Desde a antiguidade, este assunto cativou a imaginação dos sábios, escritores e outros. Historicamente, o primeiro a tratar do tema foi o Buda. Pretendemos, inicialmente, apresentar um dos seus discursos (Sutra) a este respeito para, em seguida, mencionar resumidamente alguns outros paralelos ocidentais.

Encontramos no Cãnone Páli duas versões de um mesmo discurso ou, o que é mais provável, dois discursos proferidos em diferentes ocasiões. A diferença entre os dois discursos decorre do número de avisos prévios, isto é, dos mensageiros: num, estes são três e, no outro, são cinco. Os mensageiros aqui são claramente símbolos para diferentes situações humanas, conforme veremos adiante. Será apresentada a versão mais curta que foi traduzida do texto original em Páli publicado pela "Pali Text Society" de Londres.

II- O Texto

OS MENSAGEIROS DE DEVA

(Devadûta-Vagga, Anguttara-Nikaya, i.138)

1. *Bikshus*,² três são os mensageiros de *deva*. Quais três?

Aquí, *bikshus*, uma certa pessoa leva uma vida de má conduta no corpo, leva uma vida de má conduta na fala, leva uma vida de má conduta na mente. Tendo levado uma vida de má conduta em ação, tendo levado uma vida de má conduta em palavra, tendo levado uma vida de má conduta em pensamento, com a desagregação do corpo após a morte, ele surge no estado de perdição, na rota da miséria, na ruína, no Purgatório.³ Então, *bikshus*, os guardiões do Purgatório agarrando-o pelos braços de todos os lados, apresentam-no ao rei Yama:

"Este homem, ó majestade, foi irreverente à mãe, irreverente ao pai, irreverente aos ascetas, irreverente aos brâmanes, e não foi honrador dos dignitários do clã. Que sua majestade lhe inflija uma punição".

Então, *bikshus*, o rei Yama examina-o, perquiriu-o e com ele entabula conversa no tocante ao primeiro mensageiro de *deva*: "Eh, homem! Tu não viste o primeiro mensageiro de *deva* manifesto entre os seres humanos?"

E ele assim responde: "Não o vi, senhor".

Então, *bikshus*, o rei Yama destarte lhe diz: "Oh, homem! Não viste tu entre os seres humanos uma mulher ou um homem, octogenário, ou nona-

genário, ou centenário, do tipo decrepito, arqueado qual empena de telhado, encurvado, apoiado num bastão, trêmulo enquanto anda, adoentado, de juventude passada, com dentes quebrados, de cabelos grisalhos, ou cortados, ou calvo, de rosto enrugado e corpo coberto de nódoas?"

E ele assim responde: "Eu vi, senhor".

Então, *bikshus*, o rei Yama destarte lhe diz: "Oh, homem! A ti isto não ocorreu, como inteligente e de idade bastante madura que és: "Eu também estou deveras sujeito à velhice, não ultrapassei a velhice. Ora vamos! que eu faça o bem no corpo, na fala e na mente?"

Ele assim responde: "Não, senhor, eu não fui capaz. Fui negligente, senhor."

Então, *bikshus*, o rei Yama destarte lhe diz: "Oh, homem! Foi devido à negligência que tu não fizeste o bem em ação, palavra e pensamento. Eis que, ó homem, conforme tenha sido tua negligência, assim mesmo eles te farão. Ora, esta tua má ação não foi cometida pela mãe, não foi cometida pelo pai, não foi cometida pelo irmão, nem foi cometida pela irmã, tampouco foi cometida pelos amigos e colegas, não foi cometida por parentes ou compatriotas, nem foi cometida por *devas*, tampouco foi cometida por ascetas ou brâmanes. Mas sim por ti só foi perpetrada esta má ação, e justamente tu hás de experimentar-lhe os frutos."

2. Então, *bikshus*, tendo o rei Yama o examinado, o perquirido e com ele entabulado conversa no tocante ao primeiro mensageiro de *deva*, examina-o, perquire-o e com ele entabula conversa no tocante ao segundo mensageiro de *deva*: "Eh, homem! Tu não viste o segundo mensageiro de *deva* manifesto entre os seres humanos?"

E ele assim responde: "Não o vi, senhor."

Então, *Bikshus*, o rei Yama destarte lhe diz: "Oh, homem! Não viste tu entre os seres humanos uma mulher ou um homem, adoentado, aflito, gravemente enfermo, atolado nos seus próprios excrementos e urina, e sendo levantado por uns e posto na cama por outros?"

E ele assim responde: "Eu vi, senhor."

Então, *bikshus*, o rei Yama destarte lhe diz: "Oh, homem! A ti isto não te ocorreu, como inteligente e de idade bastante madura que és: "Eu também estou deveras sujeito à doença, não ultrapassei a doença. Ora vamos! que eu faça o bem no corpo, na fala e na mente?"

Ele assim responde: "Não, senhor, eu não fui capaz. Fui negligente senhor".

Então, *bikshus*, o rei Yama destarte lhe diz: "Oh, homem! Foi devido à negligência que tu não fizeste o bem em ação, palavra e pensamento. Eis que, ó homem, conforme tenha sido tua negligência, assim mesmo eles te farão. Ora, esta tua má ação não foi cometida pela mãe, não foi cometida pelo pai, não foi cometida pelo irmão nem foi cometida pela irmã, tampouco foi cometida pelos amigos e colegas, não foi cometida por parentes ou compatriotas, nem foi cometida por *devas*, tampouco foi cometida por ascetas ou brâmanes. Mas sim por ti só foi perpetrada esta má ação, e justamente tu hás de experimentar-lhe os frutos.

3. Então, *bikshus*, o rei Yama tendo-o examinado, o perquirido e com ele entabulado conversa, no tocante ao segundo mensageiro de *deva*, examina-o, perquire-o e com ele entabula conversa no tocante ao terceiro mensageiro de *deva*: "Eh, homem! Tu não viste o terceiro mensageiro de *deva* manifesto entre os seres humanos?"

E ele assim responde: "Não o vi, senhor".

Então, *bikshus*, o rei Yama destarte lhe diz: "Oh, homem! Não viste tu entre os seres humanos uma mulher ou um homem, morto há um dia ou morto há dois dias ou morto há três dias, intumescido, com coloração azul-preta e apodrecido?"

E ele assim responde: "Eu vi, senhor".

Então, *bikshus*, o rei Yama destarte lhe diz: "Oh, homem! A ti isto não te ocorreu, como inteligente e de idade bastante madura que és: "Eu também estou deveras sujeito à morte, não ultrapassei a morte. Ora vamos! que eu faça o bem no corpo, na fala e na mente?"

Ele assim responde: "Não, senhor, eu não fui capaz. Fui negligente, senhor."

Então, *bikshus*, o rei Yama destarte lhe diz: "Oh, homem! Foi devido à negligência que tu não fizeste o bem em ação, palavra e pensamento. Eis que, ó homem, conforme tenha sido tua negligência, assim mesmo eles te farão. Ora, esta tua má ação não foi cometida pela mãe, não foi cometida pelo pai, não foi cometida pelo irmão nem foi cometida pela irmã, tampouco foi cometida pelos amigos e colegas, não foi cometida por parentes ou compatriotas, nem foi cometida por *devas*, tampouco foi cometida por ascetas ou brâmanes. Mas sim por ti só foi perpetrada esta má ação, e justamente tu hás de experimentar-lhe os frutos."

4. Então, *bikshus*, o rei Yama tendo-o examinado, o perquirido e com ele travado conversa, queda-se em silêncio.

Então, *bikshus*, os guardiões do Purgatório infligem-lhe as punições (aqui são descritos seis tipos diferentes de castigos aos quais ele é submetido; após cada um deles repete-se o seguinte: lá ele experimenta sensações dolorosas, pungentes, violentas e amargas, mas ele não finda seu tempo enquanto esta má ação não é exaurida.)⁴

Então, *bikshus*, os guardiões do Purgatório atiram-no ao Grande Purgatório.

"Falta de aviso prévio
não é escusa para o caso da Morte;
porquanto
cada momento da
nossa vida é,
ou deveria ser, um
tempo de
preparação para
ela."

5. Aconteceu, outrora, ó *bikshus*, e ao rei Yama ocorreu-lhe isto: "Parece-me, meu caro, que aqueles que no mundo cometem más ações, esses são afetos às múltiplas retribuições do carma como estas. Oh! Oxalá venha eu a adquirir existência humana, e que um Tathagata⁵ surja no mundo, um Consumado, perfeitamente iluminado, e que eu então possa me sentar junto dele, e que o Afortunado⁶ venha a me ensinar o Dharma⁷, e que eu venha a entender o Dharma do Afortunado!"

Agora, *bikshus*, isto que eu assim relato, não o ouvi de qualquer outro asceta ou brâmane; todavia, *bikshus*, aquilo que só por mim próprio foi conhecido, por mim próprio foi visto, por mim próprio foi descoberto, justamente isto eu declaro.

6. Prevenidos pelos mensageiros-de-*deva*, os que são negligentes ainda jovens
Eles chegados à ignóbil condição humana,
por longo tempo se afligem.
Mas aqueles que aqui sendo retos, pelos mensageiros-de-*deva*
Prevenidos não são em qualquer tempo negligentes no Nobre Dharma,
No apego ao medo vendo e a origem do nascimento e morte,
Desapegados, eles libertam-se com a destruição do nascimento e morte.

Estes, tendo segurança obtido, felizes, neste mesmo mundo alcançado o nirvãa⁹ completo,

Transcendendo todo medo e ódio, sobrepujaram todo sofrimento.⁸

III. Paralelos Ocidentais

1. Aproximadamente um século após Buda, Platão retoma este tema como desfecho do seu diálogo Górgias. Depois de uma acirrada e, por vezes, áspera discussão acerca de retórica, política e políticos, o mal e o bem, a virtude e outros, Sócrates sentenciava dizendo que "Ir ao mundo de baixo tendo alguém sua alma cheia de injustiça é o último e o pior dos males." Então propõe ele contar uma estória e, embora seus interlocutores estivessem talvez dispostos a encarar-la apenas como uma fábula, ele acredita tratar-se de uma verdadeira estória porque, como afirma, tencionava só falar a verdade (compare isto com as palavras de Buda no fim do parágrafo 5 do Sutra).

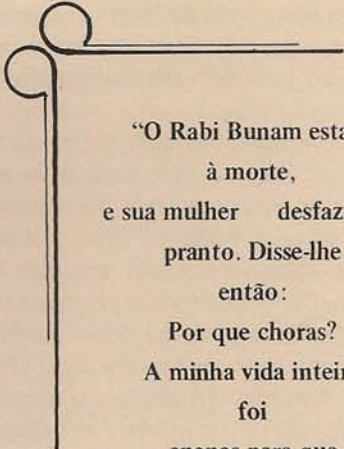
A estória que conta e que diz tê-la recebido do poeta órfico Homero, é carregada de fortes matizes místicos. Zeus, Posêidon e Plutão teriam dividido o império herdado de seu pai. Existia outrora uma lei no tocante ao destino humano, que ainda persistia nos Céus — de que aquele que tinha vivido toda a sua vida em justiça e santidade iria, quando morto, às Ilhas Abençoadas, e lá viveria em perfeita felicidade e fora do alcance de qualquer mal; mas aqueles que tinham vivido em injustiça e impiedade iriam à casa da vigância e punição chamada Tartarus (esta sob o domínio de Plutão = Yama).

Inicialmente, o julgamento era feito no próprio dia em que o homem estava destinado a morrer; os juízes estavam vivos e os homens também, e a consequência era que os julgamentos não eram bem dados. Então Plutão e as autoridades das Ilhas vieram à presença de Zeus e informaram-no de que as almas estavam sendo encaminhadas aos lugares errados. Sócrates prossegue contando como e por que razões estavam ocorrendo injustiças nos julgamentos, como os poderosos e ricos escapavam da má sorte ajudados por falsas testemunhas e outros fatores, e como e por que os juízes falhavam nos seus veredictos. Zeus, que já estava ciente de tudo, manda mudar os regulamentos, passando os julgamentos para após as mortes e em condições mais objetivas; ao mesmo tempo, ordena a Prometeu retirar dos mortais o poder que até então tinham de ter conhecimento prévio da morte.

As punições, diz Sócrates, têm duplo efeito: os

que são justamente castigados ou deveriam tornar-se melhores e disso tirar proveito, ou eles deveriam servir de exemplo aos seus semelhantes para que pudessem ver o que eles sofrem e temerem e se tornarem melhores. Os que melhoram são aqueles cujos pecados são curáveis; e eles são melhorados, assim como ocorre neste mundo tanto quanto no outro, pela dor e sofrimento; porque não há outro caminho no qual eles possam ser libertados da sua maldade. Os casos que Sócrates cita como os piores exemplos para Plutão punir são os dos tiranos, potentados, homens públicos, políticos, etc!

Convém transcrever suas últimas palavras: "Sigam-me então; e eu vos conduzirei aonde sereis felizes em vida e após a morte . . . E nunca se importem se alguém vos desprezar como sendo tolos, e vos insultar; deixem-no golpear-vos, e que sejais tomados de bom humor e ânimo . . . porque vós nunca tereis qualquer dano na prática da virtude, se fordes uma pessoa realmente boa e autêntica. Quando tivermos praticado juntos a virtude, nós nos dedicaremos à política, se isto parecer desejável, ou aconselharemos acerca de qualquer outra coisa que pareça boa para nós, porque então seremos em melhor grau capazes para julgar. Na nossa atual condição não deveríamos assumir ares, porque mesmo sobre os mais importantes assuntos nós estamos constantemente mudando nosso pensamento; a tal ponto estúpidos somos! Retomemos, portanto, o argumento como nosso guia, que nos revelou que o melhor caminho de vida é praticar a justiça e toda e qualquer virtude em vida e morte . . ." (Georgias, pp. 522-527).



"O Rabi Bunam estava
à morte,
e sua mulher desfazia em
pranto. Disse-lhe
então:
Por que choras?
A minha vida inteira
foi
apenas para que
eu
aprendesse a morrer!"

2. É curioso notar o fato de o tema específico de aviso prévio do destino ou "mensageiros" não fazer parte da famosa coleção de Jâtakas, nem da literatura árabe do tipo "Kalilah e Dimnah" que serviu como um veículo eficaz por meio do qual muitas histórias folclóricas da antiga Índia penetraram na Europa. Tampouco faz ele parte da literatura dos poetas fabulistas da Grécia e Roma. O aparecimento deste tema no Continente se deve, portanto, ou a uma influência oriental processada por canais desconhecidos, ou a um surgimento original e espontâneo como muitas vezes sói acontecer na História. Seja como for, os irmãos Grimm diziam ter sido este tema conhecido desde, pelo menos, o Século XIII. Este aparece em impressão, pelo que nos é dado saber, inicialmente em alguns fabulários em latim, creditados a Ésope, e publicados no século XV-XVI. Num destes, organizado por Abstemius (Veneza, 1519), há uma fábula, a de número 149, denominada "De sene Mortem differe volente" (O Velho que desejava postergar a Morte), na qual se conta como a Morte apresenta-se a um homem senil e convida-o a acompanhá-lo. Este se desculpa dizendo que o outro mundo era uma jornada grande demais para que pudesse empreendê-la apenas com base num aviso prévio tão curto e súbito, e solicitou mais tempo para terminar seus afazeres. Quando ele se surpreende ao saber da Morte, de que já tinha recebido inúmeros avisos, esta menciona-lhe as inúmeras mortes processadas diariamente de todas as maneiras diante de seus olhos, em pessoas de todos os tipos, idades e graus; e pergunta se isto não é um **memento** (motivo) suficiente para fazê-lo pensar da sua própria? A fábula termina com a moral: "Falta de aviso prévio não é escusa para o caso da Morte; porquanto cada momento da nossa vida é, ou deveria ser, um tempo de preparação para ela". (Veja o episódio do místico que encerra este artigo).

Estórias parecidas aparecem ainda em outros fabulários como a de número 484 organizado por Joach. Camerarius (1564); a 99 em "Mythologia Aesopica" de Neveletus (1610); a 23 em "Fabulae Aesopiae" de F. J. Desbillons (1768), e muitas outras publicadas em diversos países nas principais línguas européias. Um fabulista moral como La Fontaine não iria deixar escapar este assunto; a sua fábula "La Mort et le Mourant" (A Morte e o mortal), Nº 1 do Livro 8 da coleção completa, é semelhante à fábula acima. Este tema foi ainda assunto de sermões, discursos e artigos proferidos e escritos por religiosos, educadores e escritores ao longo dos séculos.

O último exemplo que mencionaremos, da épo-

ca mais moderna, é o conto de Nº 177 "Os Mensageiros da Morte", da coleção completa de contos de autoria dos irmãos Grimm. Como que a contrabalançar o tema sério e, para alguns, lúgubre, o conto está recheado de momentos de humor e ironia. Narra a estória que uma vez, numa auto-estrada, a Morte desafiou um gigante. Na longa e violenta luta que se seguiu, a mão do gigante ficou por cima deixando a Morte estatelada à beira da estrada, alquebrada e fraca a ponto de não poder se levantar. Então, pensou ela amargamente com seus botões, o que aconteceria agora se ela permanecesse deitada assim a um canto; ninguém mais morreria agora no mundo, e neste as pessoas proliferariam de tal maneira que não haveria mais lugar em para uma pessoa ficar de pé ao lado da outra. No entanto, pouco depois, um jovem alegre e saudável passa nas cercanias e lhe oferece socorro. Uma vez recuperada, a Morte se identifica e embora sua lei fosse inexorável e ela não fizesse nenhuma exceção, para mostrar sua gratidão promete ao jovem que não lhe cairá em cima inesperadamente, mas que lhe enviará seus mensageiros antes como aviso prévio. O jovem considera isto um ganho e lhe agradece. Então dedica-se ele a viver uma vida alegre, de prazeres e irresponsável. Mas juventude e saúde não são para durar eternamente; cedo vieram as doenças e as tristezas, que o atormentaram de dia e lhe retiraram a paz à noite. O consolo dele era que não morreria, já que os mensageiros da Morte ainda não tinham se manifestado. Assim que se sentiu melhor de saúde, deu-se mais uma vez àquela vida alegre e descompromissada. Então, um dia, alguém bateu de leve no seu ombro e, ao virar-se, achou-se cara a cara com a própria Morte. Esta disse-lhe para segui-lo, que a hora de sua partida deste mundo havia chegado. O diálogo que se segue é parecido às outras estórias, com a Morte dando-lhe exemplos de mensageiros, a começar pelas suas próprias doenças e outros indícios, e terminando por perguntar se além de tudo, o seu irmão Sono não lhe teria lembrado isto a cada noite? Se de noite ele não dormia qual morto? O homem teve então que ceder ao seu destino e foi-se embora com a Morte.

Para remate deste artigo nada melhor do que recontar um episódio de um místico judeu que ilustra bem qual é a atitude de um verdadeiro religioso face a este fenômeno natural.

"O Rabbi Bunam estava à morte, e sua mulher se desfazia em pranto. Disse-lhe então: Por que choras? A minha vida inteira foi apenas para que eu aprendesse a morrer!"

Nissin Cohen

NOTAS:

1. Literalmente "o radiante". Os *devas*, aos quais o Yama pertence também, são entes que habitam esferas sobre-humanas. Embora muitos os assemelhem aos "deuses" latinos e assim o traduzam, deve-se ter em mente que os *devas* estão sujeitos às mesmas leis da Natureza que os homens: não têm ascendência sobre estes, não lhe são visíveis geralmente e sua existência é efêmera, embora esta se conte aos milhares de anos; estão, ademais, sujeitos ao renascimento. Muitos consideram que as aludidas esferas sobre-humanas são correspondências de estados psicológicos especiais. Sobre isto veja maiores detalhes nos artigos: "A Roda da Vida", Thot, Nº 23, p. 26, 1981.
2. Monge-mendicante budista.
3. Sobre o Purgatório (páli *niraya*), outra esfera de existência, veja o artigo aludido na nota 1 acima.
4. No Budismo, a vida numa tal esfera de existência tão do-

lorosa, não implica uma eterna danação. Tal forma dolorosa de existência é a consequência legal dos maus atos e findará quando a força causal que a condiciona, é exaurida. Então, as boas causas do passado poderão ter uma oportunidade de operar e condicionar um renascimento mais feliz.

5. Literalmente "o assim-ido ou vindo", um dos apelidos de Buda.
6. Outro apelido de Buda.
7. Darma tem muitas acepções. Aqui ele significa o Ensino, Doutrina, Lei. Tanto o Darma (páli *Dhamma*) quanto *deva* e *nirvãa* são palavras que já constam dos dicionários brasileiros da língua portuguesa.
8. Estes versos são, por alguns estudiosos, considerados como um acréscimo feito por parte dos compiladores.
9. Libertação final, Iluminação.

RESPEITO PELO PASSADO, COMPROMISSO COM O FUTURO

Vive o homem, nestes últimos cem anos, momentos difíceis e conflitivos caracterizados pelos sentimentos de angústia e solidão. Não nos referimos à angústia atribuída a tantas e tão variadas causas por filósofos e psicanalistas; tampouco à solidão de quem se sente só em meio a mais de quatro bilhões de contemporâneos, aos quais não considera como irmãos, e sim como inimigos, em surda luta pela sobrevivência. A angústia não é provocada apenas pela falta de garantia de realização das possibilidades que se apresentam ao homem, como queria Kierkegaard; nem pela aceitação da morte como possibilidade incondicionada e insuperável, como queria Heidegger; menos ainda pelo sentimento de impotência, aludido por Freud. Porque em outras épocas, em todas as épocas, o homem também se sentiu impotente diante de certos fatos e de certas leis

naturais, e percebeu a morte como absolutamente ineludível, e também se viu diante de imprevisíveis contingências na vida, sem que isso lhe provocasse a angústia tal qual a vemos hoje. Entretanto, o que nem sempre encontramos em outras épocas, e que é característica do mundo de hoje, é a absoluta falta de sentido para a existência, a ausência de justificação para as dores e alegrias, os êxitos e fracassos, tão próprios da condição humana. E, na medida em que não sabe por quê e para quê vive, o homem atual também não sabe como viver; é incapaz de traçar normas e linhas de conduta adequadas aos desígnios de sua natureza. E vive à deriva, errante, inquieto, sem uma escala de valores definida, e, por tudo isso, angustiado.

Falamos também de solidão. Queríamos referir-nos à solidão de não sentir-se unido, intimamen-

te ligado ao homem do passado, que tão grande legado nos deixou, e ao homem do futuro, que ainda tem tanto por realizar. Pelo contrário, no século XX sentimo-nos solitários em nosso presente, prisioneiros de escassos setenta anos de vida biológica; intuímos, de certa forma, um sentido de imortalidade, mas sem dar-nos conta de que essa imortalidade consiste exatamente em nossos laços com o passado e com o futuro. Daí a importância de se estudar a história. Não apenas com o propósito de copiar os acertos ou evitar os erros já cometidos, o que não deixa de ser muito; mas procurando encarar a história, na expressão de César Cantu, como fonte máxima de inspiração para as grandes conquistas morais, e de satisfação às necessidades do verdadeiro, do bom e do belo, inerentes ao ser humano.

No entanto, no que respeita à história, é característico das épocas decadentes — e, sem dúvida, vivemos numa época decadente — o assumir-se uma entre essas duas posturas, ou ambas: 1ª) enfatizar os aspectos mesquinhos e mórbidos dentro da história, como forma inconsciente de justificar a própria mesquize e morbidez; 2ª) esquecer, diminuir, ou diretamente renegar os laços com o passado, como forma inconsciente de liberar-se de todo compromisso para com o futuro. No primeiro caso, menosprezamos a tremenda força de compulsão ética e mística de Jesus Cristo ou de Santa Teresa d'Ávila, para enfatizarmos a pretensa “frustração sexual” de Santa Teresa ou os “amores secretos” do Cristo (amores físicos, obviamente, já que o nosso barbarismo não nos permite conceber outra coisa); deixamos de lado a sublimidade da grande pirâmide egípcia ou a grandeza do Império Romano, e voltamos nossas vistas para os escravos que construíram uma e sustentaram o outro (sic).

Com isso, sentimo-nos em paz perante nossa consciência, não obstante a inacreditável decadência moral de que somos co-autores e o inaceitável escravagismo reinante em ambos os blocos político-econômicos que polarizam a sociedade atual. Agiganta-se ainda, em nossas mentes, uma tendência à análise crítica do conhecimento histórico, insuflando-nos de dúvidas acerca da veracidade de alguns fatos ou da exatidão de alguns outros; e, no entanto, não percebemos a síntese laboriosa de experiências que se expressam nesses mesmos fatos independentemente de sua maior ou menor exatidão, capazes de nos impelir às grandes realizações e à busca dos mais altos e nobres valores estéticos, éticos e místicos.

No segundo caso, deixando de reconhecer-nos

em débito para com os grandes homens e as grandes civilizações do passado, acreditamos isentar-nos de nossas responsabilidades para com os povos do futuro. É como se não tivéssemos a obrigação de deixar para as próximas gerações um mundo ecologicamente equilibrado, uma ciência voltada mais para a construção do que para a destruição, uma educação voltada mais para o robustecimento moral e espiritual do que para a formação de homens-máquina; enfim, é como se não tivéssemos a obrigação de dar primazia às grandes realizações do espírito — a arte, a filosofia, a religião, a política — em relação às inegavelmente grandes conquistas materiais.

Ao homem do século XX está fazendo falta um sério e criterioso estudo da história; está fazendo falta um posicionamento verdadeiramente filosófico diante da história, para que lhe possa surgir no peito o reconfortante sentimento da filantropia — palavra tão pouco utilizada ultimamente, ou utilizada apenas em seu sentido paternalista, relacionado à construção de asilos para anciãos ou creches para crianças abandonadas. Não queremos dizer que isto não seja necessário; pelo contrário, é uma das formas mais efetivas de liberar-nos do egoísmo, para que nos surja, em seu lugar, a generosidade, nobre sentimento que é apanágio dos jovens e dos fortes. Mas é que aludimos à filantropia em seu sentido mais amplo, de amor ao Homem, com maiúscula, o homem imortal. E verdadeiro filantropo é aquele que trabalha, com todas as suas forças, em prol desse Homem; é o que envida todos os esforços para **transformar-se** nesse Homem. Para isso, é mister que vejamos na história não apenas uma sucessão cronológica de fatos e personagens, mas antes o desenrolar de um fio de experiências do qual fizemos, fazemos e faremos parte irremediavelmente, e através do qual se vai manifestando a força, a vontade, a lei de uma potência suprema que, em última instância, reside no interior do próprio ser humano.

Essa atitude de integrar-se ao vasto panorama da história talvez permitisse ao homem de hoje libertar-se de sua angústia e solidão. Como poderia sentir-se solitário quem se sentisse arraigadamente unido ao homem de todos os tempos, do passado e do futuro? Como poderia sentir-se angustiado quem reconhecesse, humildemente, que as suas pequenas dores e alegrias, seus pequenos êxitos e fracassos são uma fração, ínfima mas necessária, de uma grande obra? Enquanto não nos dispomos a participar, conscientemente, na realização dessa grande obra, que linda oportunidade estamos desperdiçando!

Zildo Trajano de Lucena

O PODER DO MANTRA NA MEDITAÇÃO

Palestra proferida pelo Swami Tilak em 11-07-83 no
auditório da Associação Palas Athena.

Respeitáveis mães e irmãos, me sinto muito emocionado pela presença de vocês esta noite, para pensar nas coisas espirituais. Não sei se felizmente ou infelizmente, não temos lugares bastantes para acomodar a todos, mas se falta o lugar físico, nós temos que mostrar o lugar em nosso coração. E estou seguro de que, neste momento, nenhum dos presentes está preocupado com o lugar, e sim estão todos demonstrando um amor verdadeiro para com a espiritualidade. Exista ou não o lugar físico, uma pessoa sempre consegue lugar no coração e pode oferecer também um lugar para os outros em seu coração. Porque o coração é infinito, pode conter a todos. Então, abramos agora o nosso coração e tratemos de buscar a realidade, a verdade, pelo conhecimento, pela realização.

Há três tipos de sociedade no mundo. Primeiro, um tipo de sociedade que dá muita importância à estrutura. Em sânscrito, que é o idioma sagrado da Índia, a palavra que designa "estrutura" é *yantra*; quando nós damos muita importância à estrutura, estamos pensando no *yantra*. Depois, há sociedades que são *tantra prahat*. *Tantra* significa "constituição" e a constituição é diferente da estrutura, podemos dizer que é a mente da estrutura. Por fim, a sociedade *mantra prahat*, isto é, a sociedade que dá mais importância ao *mantra*. *Mantra* significa "determinação", *sankalpa*. Então, o centro de qualquer constituição é a determinação. Já no princípio nós determinamos o fim, o objetivo. Nós temos, neste momento, um sentido muito profundo de que estamos construindo algo. Então esta determinação, em sânscrito, se denomina *sankalpa*. A estrutura pode ser destruída, a constituição pode ser perturbada, mas a determinação continua. Então, a estrutura social, a estrutura individual que se forma pelas maneiras, pelos modos de vestir-se (porque, às vezes, ao dizer: "Esta pessoa é civilizada", queremos significar que esta pessoa pode vestir-se, pode comer, tem modos de comer, vestir e falar), tudo isto são somente

estruturas, nada mais. A civilização verdadeira, a cultura verdadeira não está na estrutura.

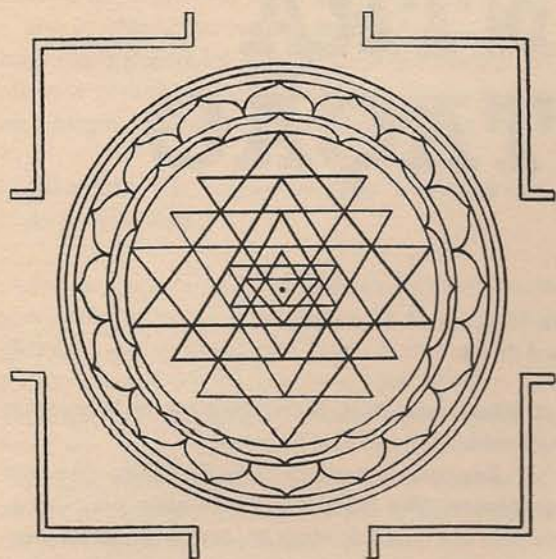
Em certa universidade da Índia, eu disse aos estudantes: "Por favor, não confundam sua existência com seu modo de vestir-se, com a aparência, porque a cultura e a civilização não são o modo de trajar-se. Se a vestimenta fosse civilização, nós poderíamos "civilizar" qualquer animal em um instante, poderíamos vestir um burro com as vestimentas mais maravilhosas e dizer-lhe: Sim, senhor, você é muito civilizado!"

Na época em que vivemos ignora-se esta verdade. Sempre confundimos o propósito da civilização com a aparência exterior. Existem também os que dão importância somente às palavras, aos pensamentos, nada mais.

Neste momento, estamos buscando o *tantra*, que significa "constituição". Por exemplo, aqui há um gravador; o gravador tem a matéria, a forma e a estrutura. Mas existe a constituição, as leis da ciência que formam toda a constituição interna. Então, não é somente a matéria ou a forma que se chama "gravador". Este gravador tem uma constituição interna, a qual depende de leis eternas.

Quando a estrutura não está ligada à constituição interna não tem nenhum valor. Do mesmo modo, quando a aparência de uma cultura não está relacionada com os pensamentos internos, essa cultura não tem nenhum valor. Quando existe uma separação entre a aparência exterior e o pensamento interno, imediatamente essa civilização começa a destruir-se. Vocês sabem que se manifestou na Roma antiga esse mesmo problema: os romanos deram muita importância às coisas exteriores e se esqueceram das coisas essenciais. A partir daí a civilização romana desintegrou-se completamente.

Fazendo uma alegoria, podemos dizer que a estrutura, ou *yantra*, é como a casca, a constituição é como a polpa, e o *mantra*, a determinação, é como a semente. Quando a semente não está adequada-



mente protegida, a fruta tende a destruir-se; assim ocorre também numa sociedade, bem como em relação ao indivíduo. Cada indivíduo tem sua “casca”, sua “polpa” e sua “semente” — sua determinação.

Na realidade, os pensadores hindus chegaram a essa conclusão há milhares de anos, dando origem à ciência do mantra, para formar toda a personalidade. Eles não se preocuparam tanto com a aparência exterior, tampouco com os pensamentos; concentraram-se no *sankalpa*. Cada pessoa tem de formar a sua determinação. Embora integrando a sociedade, está sempre estabelecida em sua semente, fixada em si mesma como um átomo. O átomo se junta a outro e forma moléculas, mas sempre mantém sua especificidade (individualidade). O átomo não pode destruir-se; nós podemos formar um composto, outro composto, podemos misturar compostos, mas cada átomo permanece o mesmo. Nós podemos queimar uma mesa, mas os átomos que a compõem não se destroem; podemos dissolver um pedaço de gelo e convertê-lo em água, mas os átomos de hidrogênio e oxigênio mantêm sua natureza. Ou seja, a mudança externa não afeta o átomo. Assim os grandes pensadores hinduístas conceberam a “semente” da pessoa.

Às vezes me perguntam: “Ó Swami, tantas culturas e civilizações antigas se destruíram, por que se mantêm a cultura e a civilização hindus? Qual é o segredo?” A resposta é que os pensadores hinduístas não se preocuparam com a casca ou com a polpa tanto quanto com a semente. E depois de formar a semente, depois de criar o *mantra*, *tantra* e *yantra*, eles deram toda a liberdade ao homem: “Você está

livre, pode fazer qualquer coisa. Pode correr aonde quiser!” Como um átomo, que tem liberdade de misturar-se neste ou naquele lugar, andar por este ou por aquele lugar, porque o átomo está seguro de sua existência. O átomo aparentemente é muito liberal, mas internamente é muito firme.

A atitude liberal é sempre expressão de firmeza interna, somente quem não se sente firme é que se faz fanático. Os que estão seguros de si não têm medo. Por isso, no Veda, que é a escritura mais sagrada da Índia, há um hino que diz que não devemos ter medo do conhecido, tampouco do desconhecido; nem dos amigos, nem dos inimigos. Então, aquele que pratica *mantra* e realiza *mantra* se livra de todo medo. O mantra é explicado como uma coisa que nos libera de todos os problemas, porque está formando o núcleo de nossa personalidade de tal maneira que ela não pode perturbar-se ou destruir-se em nenhum momento.

Agora vou mostrar o **porquê** ou o **como** (em todos os aspectos evidentes): a princípio nós temos de compreender que todo o universo é somente vibração, vibração, nada mais . . . Os físicos já sabem que o elétron, próton e o nêutron representam apenas estados diferentes de vibração. Quando percebemos as vibrações através dos olhos, neste momento a vibração é luz; quando percebemos as mesmas vibrações através dos ouvidos, aqui temos o som. O som e a luz não são duas coisas, são somente duas formas de percepção de uma mesma coisa. Ao vermos e ouvirmos, na realidade estamos fazendo a mesma coisa. Todos os sentidos indiretamente experimentam a mesma coisa em níveis diversos, nada mais. Quando estamos seguros desta verdade, nos damos conta de que todos os sentidos estão percebendo a mesma coisa, em todas as percepções existe a mesma verdade. E por meio de qualquer dos sentidos vamos chegar ao mesmo ponto. Até a mente, que é a soberana dos sentidos, está baseada nas vibrações.

Qual é a diferença entre meu amigo Krishna e eu, entre Cristo e eu? E qual é a diferença entre um homem e um animal? Somente a diferença de vibração, nada mais. A base é a mesma, a verdade é a mesma, as vibrações é que são diferentes.

Podemos dizer que cada pessoa tem seu átomo de personalidade interna, que se chama ego — em sânscrito, *ahamkara*. Esse átomo se forma a partir de três atributos, três qualidades, ou, em sânscrito, três *gunas*. *Guna* significa “qualidades” que não vemos em uma pessoa. Na realidade, o que vemos? Alguém pode dizer que uma mesa, ou qualquer coisa sólida, é uma coisa dura; na realidade, não podemos separar a qualidade “dura” da mesa. Podemos dizer

Quem quiser pode ter
o seu comércio em qualquer ramo,
mas, não no
campo espiritual.
A espiritualidade não tem
nada
a ver com o dinheiro, é algo muito
diferente. Quando se
quer dormir,
não se compra o sono com
dólares.

que esta mesa é amarela, mas não podemos separar-lhe a qualidade "amarela". Então, todas as qualidades que existem são somente vibrações, milhares de vibrações. Provavelmente os estudantes de Física podem compreender melhor, pois agora a Física afirma que não existe nenhuma cor, somente diferenças nas frequência das vibrações. Não tenho de explicar muito porque vocês devem estudar Física; não sou eu um físico, tenho muito pouco conhecimento, somente estou indicando que na realidade não existe nenhuma cor, apenas nossa limitação e nossa capacidade de perceber que é a velocidade ou a frequência da vibração que cria o sentido da cor. Então, todas as coisas são vibrações, as experiências são também vibrações, nada mais.

Que é vibração? É somente uma onda: no ponto mais inferior nós sentimos um tipo de qualidade; sentimos outra no ponto de inflexão; e ainda outra no ponto mais superior. Então, as qualidades não existem na matéria, existem apenas em função da amplitude da vibração. Em sânscrito, *satwa* significa "tranquilidade", o momento em que a atividade está para começar mas ainda não começa; tem a potência, mas não tem manifestação ainda. Quando a atividade se faz presente, temos então *rajas*. A ausência de atividade é designada *tamas*. Tranquilidade, atividade, inatividade.

Por favor, tratem de não confundir tranquilidade com inatividade, que é o problema mais grave do mundo ocidental. Quando uma pessoa pergunta: "O que eu tenho de fazer?", e eu respondo: "Você tem

de tranquilizar-se", isto significa: "Amigo meu, você não tem que sentar-se, tem que tranquilizar-se". Tranquilidade é uma coisa, inatividade é outra. Inatividade é a morte, e tranquilidade é o autocontrole. Aquele que tem controle não está morto, e aquele que está morto não é tranquilo.

Então temos de buscar a fonte da tranquilidade. E o *mantra* está levando-nos a esse ponto, mais e mais perto da tranquilidade. Em cada pessoa atuam as três *gunas* — *satwa*, *rajas* e *tamas* — e nenhuma pessoa pode ignorá-las, porque não existe nenhuma personalidade sem essas três *gunas*. Como se cria a diferença de personalidade entre duas pessoas? Somente a diferença de combinação e permutação desses três atributos é que cria as diferenças das personalidades. Por exemplo: entre um átomo de oxigênio e outro de hidrogênio, qual é a diferença? Somente o número de prótons e elétrons, nada mais. A natureza do elétron e do próton é a mesma, mas o número cria a diferença. Então temos de aprender um pouco de numerologia . . . Pitágoras dizia que tudo era número, então vocês podem ver, é preciso pensar nos números. Que é o átomo? Tão-somente o número de elétrons, prótons e nêutrons. Que é uma pintura? Somente a mistura das cores básicas, que são três: amarelo, vermelho e azul. A combinação e permutação das três cores produzem efeitos de milhões de cores. Uma cor tem um pouco de amarelo mais que a outra, um átomo tem um pouco mais de elétrons que o outro, e imediatamente a "personalidade" de um elemento difere da de outro pelo número de partículas no átomo. Assim também, um pouco de tranquilidade no "núcleo" da pessoa lhe muda a personalidade imediatamente.

Amigos meus, é uma coisa maravilhosa: quando uma pessoa pratica o *mantra* ou medita profundamente, não somente sua mente está mudando, mas até o corpo muda. Vocês podem observar uma pessoa antes e depois de meditar e vão encontrar uma grande diferença. Porque a tranquilidade interna afeta os pensamentos, e estes afetam toda a estrutura física. Quando praticamos um *mantra*, pode-se pensar que estamos perdendo tempo; não, nós estamos nos reformando. Por isso dizemos que cada pessoa tem de escolher seu *mantra*, ou seu *guru* tem de escolher-lhe um *mantra* particular. Não estou dizendo que o *guru* é uma pessoa extraordinária; mas, como um médico diagnostica o problema de um paciente e trata de escolher um medicamento para esse enfermo, assim o *guru* pode ajudar. Mas o *guru* não pode praticar no lugar do discípulo.

A gente quer, a gente busca um caminho mais fácil, mais rápido. “Swami, não pode mostrar-me um *mantra* mais rápido?”. Amigos meus, não existe rápido. Não temos “*mantra* expresso”. É tudo uma questão de trabalho, de esforço, e esforço depende de dedicação. Não podemos dizer que o *mantra* que uma pessoa compra por cem dólares é mais efetivo que outro de cinquenta, porque os *mantras* não se vendem e não se compram — nesse sentido o *mantra* é sagrado! E aqueles que compram e vendem *mantras* não sabem nada sobre o seu significado e não têm nenhuma relação com a espiritualidade — são apenas comerciantes. Minhas palavras podem ser duras, mas é que não quero confundir as pessoas. Quem quiser pode ter o seu comércio em qualquer ramo, mas, por favor, não no campo espiritual. A espiritualidade é a espiritualidade, não tem nada que ver com o dinheiro, é algo muito diferente. Quando se quer dormir, não se compra o sono com dólares. “Eu quero dormir profundamente; então, por favor, tome cem dólares para que eu durma”. Não pode,

Há um livro de ficção
em que diz que no Tibet existem
cirurgiões
que podem operar o
terceiro olho, e imediatamente “o homem
está realizado”...
Se a realização fosse tão
barata,
Cristo não teria tido a necessidade
de fazer nenhuma
prática,
bem como o Senhor Buda.

este é o problema; dólares não entram no sono. Assim, em Deus e na alma não entra o dinheiro. Por isso os grandes sábios da Índia nunca davam *mantras*. Apenas diziam: “Você tem que preparar-se. Você pode ser rei ou qualquer outra pessoa, não importa, porque não está ainda preparado. A preparação interna para o *mantra* é mais necessária que o dinheiro e as coisas”.

Neste sentido, o *mantra* é sagrado, não é segredo. Algumas pessoas dizem que o *mantra* é secreto,

mas somente enquanto não estejamos preparados. Por exemplo: temos um receptor de rádio — enquanto não sintonizamos uma estação particular, ela é uma coisa secreta; mas quando o aparelho está sintonizado adequadamente, o que nos parecia secreto se manifesta automaticamente, se faz saber. Então, quando se diz que um *mantra* é para uma pessoa em particular, as pessoas acreditam que os *gurus* têm um grande poder; na verdade, o que tem de haver é a capacidade ou não de captar. Cada um tem de preparar-se...

Eu sempre tenho problemas neste sentido. Certa vez, estando em Sidney, na Austrália, assistindo a uma Convenção de Yoga, uma “mãe” aproximou-se e disse:

— Swami, eu quero um *mantra*.

— “Mãe”, eu não dou. Por que você está preocupada?

— Ah, eu quero, você tem de me dar.

O problema é que muitas pessoas estavam dando *mantras* a troco de dinheiro; e ela pensou que o *mantra* do Swami, já que eu não cobrava, era melhor. Eu repeti:

— “Mãe”, eu não lhe dou; por que você continua insistindo?

Então, um pouco frustrada, ela me disse: Ó Swami, agora eu sei: seu *guru* não lhe permitiu porque você não está preparado...

Eu lhe respondi: Obrigado, “mãe”, sem dúvida eu não estou preparado, não estou preparado...

Estou somente afirmando que as coisas sagradas são sagradas, não são nada de secreto, apenas não estamos preparados. Aquele que está querendo comprar um *mantra* não está preparado; quem pensa que é bastante pagar algum dinheiro para obter um *mantra*, e depois vai liberar-se num momento... está enganado! É necessário trabalhar, é necessário praticar.

As pessoas dizem: “No Tibet existe uma operação para “abrir o terceiro olho”. Porque elas esperam que outros lhes abram o terceiro olho. Mas o certo é que elas terão de praticar muito, de dedicar-se totalmente, porque o terceiro olho não é um olho físico que se pode abrir ou fechar. Ele significa que a nossa consciência se liberou da dualidade, porque nós temos nesse momento o conceito da dualidade. Temos dois olhos e cada olho trata de ver as coisas de diferentes maneiras. Por isso existe a dualidade, e quando nos concentramos, pouco a pouco, e a vista que vê a dualidade começa a ver a não-dualidade, nesse momento nós dizemos que o terceiro olho está aberto. Não é nenhuma coisa física. A dua-

lidade tem que desaparecer completamente, antes de se abrir o terceiro olho. Mas as pessoas não querem tentar porque isso requer muito trabalho, elas têm que meditar, têm que conquistar os sentidos, e têm que desapegar-se de tudo; e disso as pessoas não gostam.

Alguém escreveu um livro de ficção em que afirma que no Tibet existem cirurgiões que podem operar o terceiro olho, e imediatamente "o homem está realizado". . . Se a realização fosse tão barata, Cristo não teria tido a necessidade de fazer nenhuma prática, bem como o Senhor Buda. Somente teriam que ter ido ao Tibet e operar seu terceiro olho. . .

Há um ditado: "Ninguém pode entrar no paraíso sem morrer".

Nós temos que morrer, não vai outra pessoa morrer por nós para fazer-nos entrar no paraíso! Assim, aqueles que querem entrar no campo espiritual têm que praticar, não existe nenhuma solução muito barata ou muito simples.

Os caminhos são muitos e o fim é o mesmo. E em qualquer caminho existem os mesmos problemas; os mesmos problemas e o mesmo trabalho. Dizem: "A devoção é fácil". Como é fácil?! Só quem não sabe nada sobre a devoção é que acredita que a devoção é muito fácil!

— Mas é que eu sou *Karma Yogue*.

— Você, que faz? Que sabe do *Karma Yoga*?

Porque você tem apego às suas coisas, à sua ação, você pensa que *Karma Yoga* é muito fácil e que é só continuar a fazer o que se está fazendo!

Que significa *Karma Yoga*? Não existe *Karma* na ação! Existe na atitude acerca do *Karma*! Quando eu não quero ter nenhum fruto da minha ação, neste momento eu sou *Karma Yogue*. Mas quantas pessoas têm esta atitude? Não têm, amigos meus! Então, qualquer tipo de *Yoga* é muito difícil, muito difícil! O homem tem que mudar sua atitude perfeitamente. Por isso eu disse que quando praticamos o *mantra*, imediatamente se reforma nossa personalidade. Por isso qualquer livro, qualquer escrito espiritual, diz que o *mantra* reforma a personalidade da pessoa. E, como já disse, não só a mente muda, mas até a existência física se transforma.

Por isso nós temos o *mantra*; cada *mantra* tem o seu corpo, sua mente, sua alma. Por exemplo, há um *mantra*: *OM TAT SAT*. Então, as palavras por si mesmas têm uma vibração; definitivamente, têm! *OM TAT SAT* significa: "Aquele é a verdade". Muito bem! E quando alguém não compreende nada do *mantra*, não compreende nenhum sentido, nesse momento também está criando vibrações. . .

Há uma história muito engraçada, um inciden-

Quando nós temos interesse
verdadeiro e praticamos apropriadamente,
o êxito é definitivo.
Por isso, a princípio nós temos
que lutar, para depois
desfrutar.
Sem luta não há nenhum
desfrute no mundo.

te, uma anedota sobre os devotos que nada compreendem do *mantra*. Certo dia, em visita ao instituto de um amigo, estavam tocando um disco e escutando com grande atenção. Eu perguntei: — "Que estão fazendo?"

— Ó Swami, há uma música tão maravilhosa! Vibrações maravilhosas!

Novamente, eu perguntei: Vocês sabem o que é "esta" música?

— Não, não, só que é maravilhosa.

— Amigos meus, é uma canção de cinema!

Por isso, captar as vibrações sem sentir o sentido forma o corpo do *mantra*. Por isso, ouça mais vezes; é bom não se preocupar, no princípio, com o sentido do *mantra*. Repita, repita, repita. Repetindo, repetindo, e repetindo, formam-se os canais da mente, e produz-se mesmo um gosto por esta vibração. Então, quando uma pessoa está cantando constantemente *OM TAT SAT*, *OM*, *OM*, *OM*, não compreende nada sobre o que é este *OM*, mas nesse momento se cria o gosto. Como eu disse sobre a canção da anedota, sem compreender eles gostavam; quanto a este *mantra*, a situação é a mesma.

E quando o *guru*, o mestre, vê que seus discípulos agora sentem um gosto, uma inclinação pelo *mantra*, nesse momento diz: "Ó, filho meu, o sentido do *mantra* é: . . ." Então, quando se ensina o sentido, imediatamente o sentido fica ligado ao *mantra*. E, às vezes, as pessoas querem o sentido, mas não se lhes pode dar.

Por exemplo, eu dou um *mantra* e a pessoa trata de investigar se eu dei ou não esse *mantra* a outra pessoa. E quando chega a saber que outra pessoa

também tem esse *mantra* fica muito desiludida: "Óh, eu pensava que o meu *mantra* era especial..." Porque cada pessoa está buscando um privilégio... Se outra pessoa tem ou não tem, isso não importa. O importante é que é o seu *mantra* e você tem que praticá-lo. Não importa que outras pessoas também estejam respirando o mesmo ar; o mais importante é que você o está respirando! Nesse sentido, é certo que o *mantra* é quase como o ar. Às vezes se pensa que, em virtude de cada pessoa ter seu *mantra*, então cada uma delas deve ter um *mantra* particular. Isso não tem sentido! O sentido é que cada pessoa respire, segundo sua necessidade, do mesmo ar; assim, um discípulo, um praticante, um aspirante, tem que assimilar o *mantra* em sua personalidade, tem que ligar as vibrações de seu *mantra* com a vibração interna. Nesse momento, a personalidade da pessoa começa a se formar segundo o *mantra*.

Eu estava dizendo que nós temos de repetir, compreender, e depois temos de formar a consciência sem esforço. Isso é a alma do *mantra*. Quando nossa consciência não necessita de nenhuma repetição, simplesmente está repleta do sentido, como uma mãe que se lembra do filho sem fazer nenhum esforço; como um noivo se lembra de sua noiva sem nenhum esforço. Assim, quando um praticante do *mantra* se lembra do sentido do *mantra* sem fazer nenhum esforço, nesse momento não tem que se sentar nem ficar a repetir o *mantra*. Tampouco tem que tentar permanecer todo o tempo em meditação, porque a consciência está formada, e a consciência formada, na realidade, forma toda a personalidade, e o homem não pode agir neste momento contra o espírito do *mantra*. Não pode, não pode... É tanta a profundidade, que necessitamos de muito tempo, pois não é resposta de um dia ou outro. Necessitamos de muito tempo!

Se me argumentam: "Não, Swami, eu não tenho tempo!" respondo que cada um tem de buscar tempo, porque não está fazendo um favor para Deus ou para o Swami, ou para outro: é sua necessidade! E quando sente necessidade tem que satisfazê-la. Não é possível dizer não, que deve despreocupar-se. Tem que buscar! Você busca ou não busca uma hora para comer? Busca ou não busca tempo para dormir?

— "Mas, Swami, quando medito eu começo a dormir..."

— Então precisa ir ao médico, eu digo. Se eu puser um montão de dinheiro, de notas, e disser que você irá conseguir tantas notas quantas puder con-

tar, durante várias noites, estou seguro de que você não vai dormir... Não vai dormir porque nesse momento tem interesse. Você ainda não tem interesse em meditar, seu interesse está em outro lugar. Por isso nós temos que criar o interesse verdadeiro. Quando nós temos interesse verdadeiro e praticamos apropriadamente, o êxito é definitivo. Por isso, a princípio nós temos que lutar, para depois desfrutar. Sem luta não há nenhum desfrute no mundo.

A princípio, em qualquer campo, nós temos dificuldades. Por exemplo: uma pessoa quer fazer-se músico. Muito bem! Mas quando começa a praticar tem problemas, certamente! Para fazer-se um músico verdadeiro, o homem tem que trabalhar. Escutar música é uma coisa e fazer-se músico é outra. Qualquer pessoa pode comprar um bilhete para um concerto e pode gozar a música, a canção de um músico, mas nesse momento não sabe que para cantar tão bem, tão maravilhosamente, o músico teve que dedicar toda a vida; esteve lutando, lutando, trabalhando, praticando...

Uma pessoa está dando uma conferência. Alguém pode pensar: "Ah, isto é muito fácil..." Parece fácil, mas para criar idéias uma pessoa tem que praticar toda a vida, toda a vida... É o resultado da prática de toda uma vida que faz uma pessoa perfeita; de outra maneira não é possível.

Dizem que havia um nobre na França, que tinha uma espada com um pequeno problema; necessitava ser endireitada. Então, buscou uma pessoa que pudesse fazer isto.

— Eu posso fazer o conserto, mas neste caso você tem que pagar cinco mil francos.

— Muito bem, concordou o nobre, pois para ele a espada era uma coisa muito valiosa.

Então, o perito pôs a espada sobre a cabeça e imediatamente a endireitou. E o nobre disse:

— Ora, para tão pouco trabalho eu tenho que pagar tanto? Como?! Você apenas fez um leve movimento e nada mais...

Ao que foi respondido:

— Muito bem, você não quer? Então, enquanto entortava a espada, completou: — Pois bem, leve-a.

— Então o nobre imaginou que ele seria suficientemente hábil e que poderia endireitá-la. Em casa, pôs a espada sobre a cabeça e tentou endireitá-la, e, imediatamente, teve um problema: perdeu o seu nariz!

É a diferença entre um perito e uma pessoa comum. Por isso, nós temos que praticar, praticar, praticar para chegar à perfeição. A perfeição que está em nós mesmos, devemos manifestá-la pela práti-

ca. Isto é muito necessário. Por isso nós temos que repetir o *mantra* mais e mais; e mais e mais temos que fazê-lo; mil vezes, cem mil vezes! Temos que criar condições. E, ao fim, o *mantra* significa a mesma coisa; nada mais que a realização do ser.

“má”. Então, A — U — MÁ. E quando se pronuncia “AU”, imediatamente se cria o ditongo de “O”. “A” representa a criação; “U” representa a continuação, e “MÁ” representa a dissolução. Todo o universo está seguindo o mesmo processo, como ex-

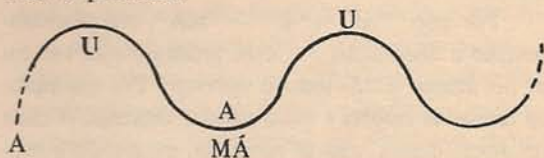


O OM é o melhor *mantra* do universo, e não existe outro igual. E muita gente diz que este *mantra* é danoso, pois há muitas escolas que acreditam que este *mantra* é prejudicial. Mas não é. O que acontece é que há pessoas que não querem desapegar-se completamente, e então têm problemas com o OM. Porque a tendência do OM é criar o desapego perfeito. Por isso, quando um jovem quer se fazer um renunciante, um santo, quem primeiro tem problemas com ele são seus pais . . . porque nós queremos adorar aos santos, mas fora de casa, não em nossa casa.

Então, OM nada tem para se tornar prejudicial. Vou explicá-lo antes de terminar esta conferência: OM tem três letras, que são A — U — M. Onde vocês dizem “eme” eu tenho de dizer “má”; “eme” é somente um nome, a essência da letra “M” é

pliquei, no sentido de uma onda.

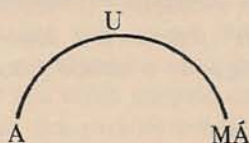
Qualquer vibração, qualquer personalidade, qualquer criação ou coisa criada está seguindo o mesmo processo:



O “MÁ” imediatamente se transforma outra vez no “A”. Não há nenhuma diferença entre “MÁ” e “A”. “A” é o nascimento, o “U” é a vida e “MÁ” é a morte; e o que é a morte é o nascimento. Então, a vida continua; quando temos a compreensão disto, não temos que nos preocupar com o demais.

Por isso, muitos espiritualistas não falam mui-

to sobre toda a onda, não falam sobre reencarnação, renascimento, somente falam sobre isto:



E quem compreende isto, compreende tudo, não tem problema. Porque os problemas estão em qualquer vida; nesta, na anterior ou na posterior, são os mesmos. Aqui ou no paraíso o problema é o mesmo.

Quando as pessoas me dizem que querem ir ao paraíso, pergunto: “para que?”

— Mas tenho que ir ao paraíso!

— Espere um pouco, por favor! Porque todos os problemas que você tem aqui foram criados no paraíso mesmo . . . Onde estavam Adão e Eva? No paraíso! E nossos problemas simplesmente foram iniciados no paraíso.

Então, o paraíso não vai resolver problemas, nós mesmos é que os temos de resolver! E só depois poderemos entrar no paraíso. Aqueles que estão querendo entrar no paraíso para resolver seus problemas, estou seguro de que vão se desiludir. Não existe nenhum lugar, desde a terra até o paraíso, que possa resolver nossos problemas. Nós temos que resolver nossos problemas, para depois ir a qualquer lugar.

Uma “mãe”, do México, certa vez me escreveu uma carta dizendo: “Swami, eu tenho muitos problemas aqui, então eu quero seguir-lhe”. Eu lhe respondi: “Mãe, por favor, resolva seus problemas no México e depois pode seguir-me . . . porque os problemas são como o fogo; se você tem fogo em sua bolsa, pode ir a qualquer lugar, mas o fogo vai acompanhar-lhe. . .”

Então, temos que resolver nossos problemas onde estamos; a mudança de lugar não é nenhuma solução.

Por isso, “A” — “U” — “MÁ”, criação, continuação e dissolução . . . este processo está em tudo: no átomo e em todo o universo. Por exemplo: nós temos as células e estas células morrem. A cada sete anos, dizem, elas se renovam, morrendo e nascendo, como o homem nasceu e morreu. Então, quando o homem morre, o que se passa? Para as células é a catástrofe, porque todas as células têm que morrer nesse momento. De outra maneira, elas continuariam nascendo e morrendo. Então, na morte existe outra morte, no nascimento existe outro nascimento, e nascimento e nascimento, não sabemos quantos.

Podemos pensar nas coisas grandes e nas pequenas, e todas estarão seguindo o mesmo processo. Nós estamos morrendo e nascendo todos os dias, portanto todo o universo morre como o homem morre. Assim, quando o universo morre, nesse momento todos os seres enfrentam uma catástrofe. Esta é o fim do mundo, como chamamos, é somente uma extensão da morte, nada mais. E o que é a morte? É a troca, a mudança, nada mais.

Ponha os dedos no seu pulso e sinta o que se passa: pulsa e não pulsa, pulsa e não pulsa . . . Pulsar é nascer, e não pulsar é a morte; pulsa e não pulsa, pulsa e não pulsa, todo o tempo! Todo o segredo do universo está presente numa pulsação. Não necessitamos de muitas escrituras, tampouco de livros para saber isto; pulsar é a vida e não pulsar é a morte.

E quando nós temos vida e morte simultaneamente, temos de buscar o ponto onde ambas se juntam: é a consciência verdadeira, a consciência . . . Seguindo a respiração, seguindo a pulsação, seguindo a atividade do coração, seguindo a atividade mental, nós temos o ponto onde transcendemos toda a vibração. Esta é a alma do *mantra*: transcender a todas as vibrações. Não devemos ficar satisfeitos com as vibrações, temos que transcendê-las. De outra maneira, nós somos os escravos das vibrações. E quando as transcendemos, nesse momento somos donos das vibrações. Amigos meus, temos que fazê-lo, e neste caso temos que repetir o *OM*, e repetir, e repetir . . .

Uma pessoa me escreveu uma carta dizendo: “Swami, eu fico repetindo o *OM* até que chega um momento em que não posso mais repetir, então é maravilhoso”. Quando, repetindo e repetindo o *mantra*, você chega ao ponto onde não suporta mais repetir, mas sua consciência está repleta do sentido do *mantra*, aí você está no ponto de realizar a verdade desse sentido. Porque repetir não é o fim, o objetivo. Repetindo, nós temos que chegar ao ponto onde já não repetimos mas mantemos a consciência: é o coração sem a pulsação.

Por isso se ouve dizer que uma pessoa pode viver sem que o coração pulse. Há muitos que, quando o coração para, não morrem. Amigos meus, temos que chegar a esse ponto; é um trabalho muito profundo, sem dúvida, que temos de realizar. É como eu estive dizendo sobre as ondas: as ondas mudam, mas a água sempre permanece.

ATUALIDADES

Diante da beleza e importância filosófica da obra "A Conferência dos Pássaros" do poeta Farid Uddin Attar, sentimo-nos impelidos a marcar neste pequeno espaço o trabalho do grupo teatral AVIS RARA AVIS CARA que, com muito idealismo, apresentou o público paulista com a encenação da peça homônima — traduzida, adaptada e dirigida por Jamil Dias.

A obra, poema persa do século XII, narra o encontro de pássaros de todo o mundo, os quais, insatisfeitos com suas vidas, resolvem ir em busca de Simorg, o rei dos pássaros, a fim de encontrar um significado para as suas existências. Anhuma encontra-se entre eles e, emocionada por tal decisão, mostra aos demais o sinal que traz no peito — testemunho de sua entrada no caminho do espírito e do conhecimento do bem e do mal. Amedrontados ante o desconhecido, os pássaros vacilam e buscam justificativas às suas desistências, mas são arrebatados pelos contos ilustrativos de Anhuma.

É necessário passar por sete vales para se chegar ao Simorg: o vale da busca, do amor, do conhecimento, do nada, da unidade, do espanto, da morte e, ao final desta jornada, os pássaros encontram uma nova vida na luz de Simorg e descobrem que Simorg é, na realidade, eles mesmos.

O texto foi adaptado a partir do trabalho de Jean Paul Carrière e do grupo sufi de Peter Brook que, em 1979, encenou-o em Avignon, França. Jamil iniciou, então, pesquisas e estudos da obra de Jung e outras obras de cunho espiritualista para uma maior compreensão do simbolismo deste poema persa. A montagem durou 7 meses e na sua trilha sonora constam músicas medievais e tibetanas, entre outras.

O grupo AVIS RARA, que esteve até dezembro último no Studio São Pedro, retornará em fins de fevereiro.

Firmamos aqui nosso reconhecimento pelos esforços dispendidos pelo grupo, principalmente aos que estiveram presentes desde o início da montagem pois, segundo Marco Antonio Dabus, empresário do grupo, a história da montagem é a própria viagem dos pássaros; poucos chegaram ao final... muitos ficaram no caminho!

O Instituto "Sedes Sapientiae" (R. Ministro de Godói, 1484, São Paulo) promoveu no último mês de Agosto, quatro conferências sobre Carl

Gustav Jung, a cargo do Sr. Christophe Eich, que além de psicoterapeuta e professor do Instituto C. C. Jung de Zurique, é astrólogo.

As preleções do Prof. Eich foram movidas pelo propósito de apresentar aos que se interessam em conhecer a natureza humana, os novos horizontes que se abrem para o método terapêutico concebido pelo singular gênio de Jung.

De maneira bastante clara e agradável, o conferencista alcançou seus objetivos abordando em suas aulas — fartamente recheadas com narrações de terapias por ele comandadas — o já clássico tema da importância da análise dos sonhos; alguns aspectos do relacionamento do "Eu" de cada qual com suas sombras; de como a prática artística e a interpretação junguiana dos mitos — sendo estes "fenômenos psíquicos que revelam a própria natureza da psiquê", citado em "Jung — Vida e Obra" de Nise da Silveira, José Alvaro Editor — podem ser utilizadas eficientemente no tratamento psicoterapêutico e, finalmente, a pedidos dos ouvintes discorreu sobre o auxílio que a Psicologia pode encontrar na Astrologia.

Entretanto, julgamos válido destacar algumas de suas frases, que grosso modo, delineiam o escopo de suas conferências:

"A sombra é função da luz num objeto. A sombra é função da consciência no ego".

"Todos tendemos a algo, temos um ideal de caminharmos em direção à perfeição, de sermos bons, etc. Isto implica num sistema de valores positivos que criam os valores negativos, que por sua vez geram as sombras, e estas, precisam ser integradas numa personalidade madura, pois cada um de nós guarda dentro de si algo inconfessável, e fazê-lo é sumamente doloroso e humilhante. É muitíssimo importante aceitar a realidade. Não aceitá-la, causamos sérios problemas e tensões; não podemos mudar o mundo, só a nós mesmos, agindo sobre nós; afinal, somos a matéria prima"

"Tomar consciência é a verdadeira meta da humanidade".

"São os mal adaptados os que estão em conflito consigo mesmos. O método junguiano consiste em ajudar o paciente a encontrar sozinho seu caminho e realizar-se a partir de si-mesmo."

"A individuação muitas vezes vai de encontro ao coletivo; isso exige do indivíduo grandes esforços e, muitas vezes, grandes sacrifícios."

"O que importa na individuação é a integridade, é dar-se plenamente à vida, ir até o fundo de suas possibilidades".

"A individuação supõe uma grande exigência de si-mesmo, não se deve esperar soluções de fora".

"Todos sonhamos com a felicidade, porém quando a alcançamos quanto tempo dura? Quantos lograram a felicidade permanente?"

"Jung sublinhava a dignidade de nossa consciência. Freud, ao contrário, dava maior importância ao inconsciente."

"O afã de Jung era unir o racional e o irracional, o científico com o esotérico"

"Estou convencido que a parapsicologia de hoje será a psicologia de amanhã."

"A astrologia mostra a interação do homem com o cosmo; é o único setor do conhecimento que une o mundo material, físico, quantitativo, com o mundo interior, psíquico, qualitativo."

"O horóscopo é uma espécie de campo energético; não podemos nos deixar impressionar pelas vibrações; somente recebê-las conscientemente para podermos manejar bem tais energias."

"Os astros sempre nos ensinam algo novo que não havíamos previsto"

"Existe o problema da linguagem entre astrólogo e psicólogo, psicólogo e paciente. O melhor meio de encontrar a linguagem pessoal de alguém é através de seus sonhos."

No fim, o latente, o intuitivamente conhecido, deixou cair seus véus diante daqueles que pouco conheciam a obra de Jung — que ousou ser eclética numa época em que a especialização era buscada por quase todos — e ficou mais forte nossa esperança de que não está longe o dia em que nossas universidades lhe darão o carinho que ela merece. O mesmo carinho que Hermann Hesse manifestou ao apresentar o pensador suíço em seu 80º aniversário com estas palavras:

"Inclina-se a alma e se levanta
Respirando eternidade
Dos fios partidos tecendo
Nova e suntuosa veste divina."

Dentre as inúmeras leis que governam o universo uma se sobressai: a lei das polaridades. A consciência que temos das coisas sempre está polarizada, aponta Jung. Durante o dia só vemos o dia, quando é noite, só a ela percebemos (o exemplo é do Prof. Eich). Apenas o tempo pode nos fazer compreender a totalidade das coisas.

Sem dúvida, um das polarização que mais tem intrigado aos homens é a que existe entre o espírito e a matéria. O senso comum já há muito se acostumou a assim dividir o mundo. De modo geral, a partir do século XVII, a compreensão do que é espírito ficou por conta dos místicos, e da matéria se encarregaram os cientistas — os filósofos migravam ora para um lado, ora para outro. Entretanto, existem fortes indícios de que a era de análise, de disjunção, está com seus dias contados e de que estamos nos primórdios de uma era de síntese, de conjunção. Sem embargo, milhares de cientistas de renome e várias universidades distribuídas pelo mundo, se empenham seriamente em descobrir qual é, afinal, a conexão que existe entre o espírito e a matéria, o normal e o paranormal, a física e a parapsicologia.

O físico francês Jean E. Charon é um destes pioneiros, e sua teoria da Relatividade Complexa, na qual chega a propor uma representação matemática do espírito, vem estimulando novas pesquisas sobre assunto tão palpitante e delicado. No Brasil, a UNICAMP saiu à frente das demais universidades do país. Por iniciativa de professores dos institutos de física, matemática, biologia e da faculdade de medicina, realizou em seu campus, em 30 de setembro passado, o "I Simpósio de Espiritualidade e Psicofísica", que contou com 300 participantes. É interessante ressaltar que este número foi estabelecido pelos organizadores do encontro, e que a quantidade de interessados foi muito maior que os lugares disponíveis. Os temas das conferências foram "Psicofísica e Parapsicologia", "Mente e Matéria" e "Os Caminhos da Espiritualidade". Além delas, aconteceram debates e apresentações sobre a vida extraterrestre, acupuntura, astrologia, aparelho Kirlian, as pirâmides, a pesquisa em parafísica na Universidade Rose-Croix (EUA), transmutações biológicas e radiestesia.

Finalizamos transcrevendo as últimas palavras do livro "As Razões da Coincidência" de Arthur Koestler (Editora Nova Fronteira): "As limitações de nosso comportamento biológico podem nos condenar a olhar a eternidade apenas pelo buraco da fechadura, como abelhudos. Pelo menos tentamos desentupir a fechadura que impede a nossa pobre e limitada visão".

À GUISA DE UMA INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA KABBALA

Palestra proferida por Ignácio da Silva
Telles em 9 de outubro de 1.982, no
auditório da Associação Palas Athena.

Reconheço que me propor a dizer alguma coisa sobre a Kabbala numa só palestra, ou mesmo em várias, seja um atrevimento. Atrevimento, sem dúvida, não só por significar de minha parte uma grande falta de modéstia, como também pelo fato de que as palavras foram criadas para exprimirem idéias referentes a realidades existentes dentro dos limites de sua paisagem materna, isto é, na esfera de realidades conceituáveis. Quando induzidas a trazer para as planuras do conceituável alguns aspectos de realidades mais verdadeiras, daquelas que existem além do pensável nos infinitos mundos fora da "caverna de Platão", eis que se contorcem e se debatem e por fim se perdem, descoloridas e contrafeitas, completamente alheias ao forte pulsar da verdade que se intencionava transmitir.

É claro, vocês o sabem, há o caso da palavra com sopro de poesia. Não me refiro a qualquer poema, pois há muita coisa escrita com a forma e o nome de poema, porém sem o menor vislumbre de poesia. Refiro-me às palavras com o sopro de verdadeira poesia. Reparem, meus amigos, como estas surgem envoltas, digamos assim, em uma caixa de ressonância, que amplifica, ilumina, transfigura a sua significação, como que atirando-a na direção daquelas realidades mais verdadeiras. Não chegam até elas, mas já muito fazem apontando na sua direção. A transfiguração do sentido dessas palavras nós não encontramos nos dicionários, mas, se tivermos ouvidos para ouvir, nós as recebemos, captando a sua mensagem em regiões profundas de nosso entendimento.

A Kabbala pertence a essa faixa de realidades mais verdadeiras, que só a poesia ou uma obra de arte teria possibilidades de abordar. Portanto, para início de conversa, desde já lhes peço que ao fim desta palestra não suponham que por meio dela ficaram sabendo alguma coisa sobre esse tema. Em verdade, meus amigos, meus irmãos, permitam-me que desde já lhes previna, em verdade, por meio desta palestra bem pouco, ou nada, ficarão sabendo.

Com o nome de Kabbala se designa um movimento cultural hebraico que se terá iniciado em meados do II século d.C., com o advento do Rabbi Simeon bar Yohai e que, em seguida, se desenvolveu ao longo dos séculos medievais, sobretudo na Espanha e no sul da França, e que continua, e certamente continuará, a se desenvolver enquanto brilhar no ser humano o anseio por "novos céus e uma nova terra" (1).

Entretanto, com outros nomes e outras formas, e em outros ciclos culturais, esse movimento intelectual vem nascendo ao longo de milênios, brotando de fontes as mais diversas, desvendando a perene inquietude humana à busca sempre da mesma verdade. Nesta dissertação nos atemos ao ciclo cultural hebraico. Sua origem neste ciclo, cerca de 1.800 anos antes de receber o nome de Kabbala, se deu com a emergência de Moisés, aquele mesmo que levou o povo hebraico do Egito à busca da Terra Prometida. Foi lá pelos meados do segundo milênio antes de Cristo, logo após o povo hicsu haver sido expulso das terras do Nilo.

Moisés, como se sabe, era dotado de uma excepcional cultura, pois havia estudado 40 anos nos templos do Egito, chegando a tornar-se segundo nos relata Fabre d'Olivet, grão-sacerdote do templo de Ísis. Em seguida, por mais outros 40 anos, viveu em Mediam, região imantada, ao sul da península do Sinai, numa comunidade de magos do oriente. Sob a orientação destes, pôde cultivar sensibilidades sutis que lhe permitiam entender a intimidade de coisas da natureza — o movimento e o brilho dos astros, o canto dos ventos nas árvores, a germinação das sementes, a procriação dos animais, a linguagem das flores, o vôo e o canto dos pássaros, o zumbido dos insetos, o ruído das chuvas, das ondas e das cascatas, a natureza qualitativa dos números, todo esse conjunto de aspectos do mundo que, aos poucos, lhe fez apurar os ouvidos para ouvir, em certas ocasiões, o nome verdadeiro das coisas... Foi depois desses 40 anos de imensa atividade contemplativa, que muito a contragosto obedeceu a determinações do Senhor, que o mandava retornar ao Egito. Ali, com grandes trabalhos, conseguiu final-

mente arrancar seu povo para fora da Terra da Servidão e partiu com ele em demanda do país onde correm arroios de mel e de leite. E então foram mais 40 anos de caminhadas, agora com seu povo, em andanças pela aridez dos desertos.

Ao longo desses anos, e depois de ter subido o Sinai, a Montanha, isto é, simbolicamente também a sua montanha interior, escreveu o Pentateuco, os cinco primeiros livros do Antigo Testamento. Muito se tem discutido se foi ele mesmo que os escreveu, ou não. Pouco importa. Os livros estão aí. Se foi ele ou muitos por ele, o certo é que foi sua cultura, foi sua inspiração, foi sua persistência, foi o resultado de todos os trabalhos ao longo de sua vida, que permitiu que se escrevesse o Pentateuco.

Mas eis que, à medida que os anos passavam, mais e mais foi ele se apercebendo de que muito do que ele tinha de mais profundo para transmitir não deveria de forma nenhuma ser posto por escrito, não sucedesse a qualquer tempo caírem esses livros em mãos de pessoas pouco ou mal formadas, que haveriam certamente de interpretar os textos de maneira grosseira e totalmente incorreta, pondo em risco a pureza da mensagem mais alta e, além do mais, a própria unidade do povo eleito.

Acontece que Moisés havia gradualmente formado entre os israelitas um grupo chamado de anciãos, com a evidente conotação de sábios. Excluindo da contagem o próprio Moisés e Aarão, seu irmão, aquele que por ele falava ao povo, eram 70 os anciãos de Israel, aos quais Moisés ainda juntou Nadab e Abiú, perfazendo, ao todo, o número 72.²

Ora, 72, esse múltiplo de 9 números (2, 3, 6, 8, 9, 12, 18, 24 e 36), esse quinário do Zodíaco (360 : 5 = 72), é um número que em muitos ciclos culturais tem representado sempre o número de pessoas, ou de coisas, incumbidas de transmitirem uma altíssima mensagem espiritual. Por exemplo, 72 é o número dos Livros da Bíblia, segundo a tradição católica, somando-se os livros do Antigo Testamento com os do Novo. 72 foram os sábios que no século III antes de Cristo traduziram para o grego o Antigo Testamento. 72 é o número de discípulos que Jesus enviou, dois a dois, a levarem a Boa Nova a outros povos. 72 é o número dos componentes do Sinédrio dos judeus, constituído no ano 141 a.C., denominado Sanhedrin, como continuação da Velha Tradição dos 72 anciãos. 72 é o número de artigos do Regulamento da Ordem dos Templários, que provavelmente terá sido escrito por São Bernardo de Clairvaux, no século XII. 72 são as cordas do Sêntur, o psalterion da Pérsia, sendo 3 cordas para cada nota. E o Zohar, Livro fundamental da Kabbala, en-

sina que "o mundo é cimentado pelo Nome de 72 letras, Nome este que é a síntese de todos os nomes sagrados . . . Esse Nome, em verdade, é a reunião de 72 palavras . . . designando cada uma um atributo divino"⁽³⁾. São estes apenas alguns poucos exemplos, oriundos de ciclos culturais diversos, em que se vê o emprego do número 72 com designações gravitando em torno da conotação acima referida.

Ora, ao longo dos anos, na penosa caminhada pelo deserto, Moisés formou o grupo de 72 anciãos, ao qual transmitiu, de viva voz, a sua mais alta mensagem. A comunicação oral, especialmente para assuntos esotéricos, sempre foi tida como a mais expressiva forma de ensinamento, em grande parte porque faz valer a natureza sonora das palavras. As vibrações do som da voz humana podem às vezes penetrar em profundas regiões de nosso ser e são capazes de despertar arquétipos adormecidos e fazê-los aflorar, de certa forma, à nossa consciência, produzindo uma atmosfera interior da grande e silenciosa sabedoria. Não é sem razão que na Ordem de São Bento, até os dias atuais, ainda se cultiva o canto gregoriano, e também não é sem razão que os hindus cantam, de viva voz, os seus mantras, e que também o sábio Maomé ordenou que o Corão sempre fosse recitado de viva voz.

Ao grupo dos 72 anciãos, Moisés transmitiu a sua mensagem, a qual, daí por diante, deveria sempre ser transmitida por via oral, e sempre só para aqueles que haviam sido cultivados nas mais sutis sensibilidades intelectuais. Dessa maneira, durante séculos, formou-se a corrente ininterrupta, recebendo e transmitindo a mensagem secreta.

Essa "corrente da Tradição" (Shaletshel et ha quabbalah), de fundamental importância para a formação do judaísmo e para seu desenvolvimento, era comparada à escada que Jacob teria visto em seu sonho, juntando a Terra ao Céu, e capaz de realizar a unidade da criação retornada ao Criador.

Mas eis que, em fins do VII século antes de Cristo e inícios do VI a.C., a cidade de Jerusalém foi tomada três vezes por Nabucodonosor, rei dos caldeus, e saqueada na terceira vez, em 586 a.C., havendo sido arrasado o Templo. Os judeus foram levados cativos para a Babilônia, e no cativeiro ficaram 70 anos, até que o imperador Ciro, da Pérsia, havendo vencido em guerra aos caldeus, permitiu que retornassem a sua terra. Mas, enquanto permaneceram na Babilônia, enorme foi sua aflição naquelas planuras de Senaar⁽⁴⁾, sofrendo tudo o que significava estar no exílio em cidade que, desde sua fundação, indicava ser a cidade da confusão, a cidade da Torre de Babel, pois Nemrod, seu fundador, traíndo a sua

missão de "legislador primordial", assim como indica a raiz N — M de seu nome, tornara-se poderoso na terra e "robusto caçador diante do Senhor" (5).

O salmo 136 (6), como grito da alma, sugere-nos o seu sofrimento: "À beira dos rios da Babilônia, ali nos sentamos, e lembrando-nos de Sião, nos pomos a chorar. As cítaras, agora silentes, nós as penduramos nos salgueiros à nossa volta. Eis que nossos captores pedem-nos que cantemos cânticos de Sião" Pedem, insistem, exigem . . . mas como, de fato, poderiam eles, judeus, cantar cânticos de Sião numa terra de servidão? "Se me esquecer de ti, Jerusalém, ao esquecimento seja entregue a minha direita. Fique pregada a minha língua às minhas fauces, se eu não me lembrar de ti, se não me propuser Jerusalém acima de todas as minhas alegrias" (6). Ora, não querer cantar é uma demonstração não apenas de nostalgia da Pátria Perdida, tanto no sentido literal como também no sentido simbólico e místico, mas também de tristeza por verem bruxolear, nas tribulações do quotidiano, o amor pelos mandamentos do Senhor, e a fidelidade na prática de inúmeros rituais, usos e costumes de sua sagrada Tradição. Em verdade, até a língua hebraica foi rapidamente sendo alterada, chegando quase a um completo esquecimento. Terrível deve ter sido a aflição dos 72 componentes do Sanhedrin, por não terem condições para ir formando novos iniciados para a perpetuação do conhecimento da mensagem secreta. Foi pelo século IV ou V antes de Cristo que Esdras (ou Ezra), o grande profeta, diante da perspectiva de ver perder-se para sempre o ensinamento mais caro de Moisés, assumiu a responsabilidade de tentar pôr essa mensagem por escrito. Correr o risco de vê-la mal interpretada parecia-lhe óbvio ser um mal menor do que vê-la desaparecer completamente da memória de seu povo.

Esdras apenas iniciou a redação desse aspecto da Religião judaica. Inúmeros outros, depois dele, os "sopherim", os escribas, num longo e pertinaz trabalho, continuaram a tarefa. Eis que, depois da destruição de Jerusalém pelos romanos, no ano 70 d.C., os sábios judeus reunidos inicialmente em Jabneh, atualmente Jamnia, e mais tarde, de 135 d.C. em diante, em Usha, na Galiléia, procurando responder ao desafio constituído pela segunda diáspora, intensificaram os trabalhos de redação do aspecto não escrito de sua religião. Mas agora, positivamente, a mentalidade de alguns dos "sopherim" já se havia tornado bem diferente daquela que inicialmente inspirara os antigos profetas e juizes de Israel. Para estes, agora denominados, depois da destruição do segundo Templo, de Tannaim, que significava mestres

— tratava-se simplesmente de pôr no papel as normas não escritas, o que os juristas, desde os tempos da antiga Roma, chamam de Direito Consuetudinário. Entre os judeus, assim como em todos os povos do mundo, imensa é a quantidade de práticas dadas pelos usos e costumes que se institucionalizam e que se tornam tão impositivas quanto as normas do direito escrito. O conjunto delas, mais do que o das leis escritas, exprimem de maneira espontânea o caráter e a personalidade de cada povo. Naqueles tempos de graves tribulações para os judeus, perseguidos como estavam sendo pelos romanos, e mais uma vez sendo expulsos de sua terra, achou-se que codificar as normas não escritas serviria de valioso instrumento para que o povo judaico conservasse sua própria fisionomia e não se deixasse diluir em meio a outros povos.

As normas não escritas eram denominadas halakot, torah shebe-al-peh, a "lei oral", ao passo que as normas escritas do Pentateuco se chamavam torah shebi-kethabh, a "lei escrita".

Tanto as escritas como as não escritas constituíam a Torah. Pela raiz do vocábulo Torah, Y-R-H, sabe-se que essa palavra significa, antes de mais nada, "ensino"; ou talvez, melhor que ensino, "ensinamento". A Torah, em seu conjunto, contém a revelação feita por Deus a Moisés, no alto do Monte Sinai, segundo nos relata o Pentateuco.

A tarefa de compilar e codificar, tanto aquelas normas referentes à organização política e social, como as de cunho religioso, foi iniciada pelo grande sábio Rabbi Akiba, o qual, nos comentários que escreveu, introduziu um novo método de interpretação de textos bíblicos, que permitiu a adaptação das leis do Pentateuco às circunstâncias históricas de seu tempo. Mas foi somente em inícios do Terceiro Século que o Rabbi Judah ha-Nasi, o Príncipe, conseguiu dar por terminada a redação.

A esta compilação de halakot se deu o nome de Mishna. Ora, a palavra Mishna (sh-n-h), pela sua origem etimológica, significa "apreender qualquer coisa por meio da constante repetição". Portanto, embora se referindo à redação de antigas normas não escritas, a sua etimologia nos autoriza a acreditar que o método de ensinamento, pelo menos no que se refere ao grupo iniciático, ainda continuava a ser o da transmissão oral, a fim de poder fazer valer, como foi dito acima, toda a comunicação do inconceituável pela natureza sonora da palavra. E assim de fato deve ter sido, porque a Mishna, muito além do que apenas racionalmente se poderia admitir, tornou-se o documento principal da literatura rabínica antiga.

Logo em seguida, os sábios sentiram-se na obrigação de expor e comentar a Mishna, a fim de evitar interpretações incorretas. Estes sábios foram denominados "amoraim", os explicadores. O resultado deste trabalho constituiu a Guemara. A palavra Guemara (g-m-r) significa "terminar".

Produziram-se duas Guemaras: uma feita na Palestina, escrita no dialeto aramaico do ocidente, com abundância de palavras gregas e latinas; outra, em Babilônia, feita por descendentes de judeus que ali permaneceram radicados desde os tempos do cativeiro. Esta Guemara foi escrita no dialeto aramaico do oriente, e encontra-se carregada de expressões da língua persa.

Desvendar até que ponto a redação da Mishna e das duas Guemaras foi impregnada pelo espírito da antiga mensagem secreta de Moisés é tema que ainda continua desafiando o estudo e a meditação dos grandes mestres judeus. O certo é que, desde que a Mishna e a Guemara foram tidas como terminadas, e mesmo antes — como nos atesta, por exemplo, a criação da Escola de Yabné, em inícios do século II d.C., fundada com o especial objetivo de "salvar" o pensamento e o espírito do judaísmo⁽⁷⁾ — apareceram sábios místicos, descontentes com o que alguns deles consideravam o excessivo racionalismo da maioria dos "sopherim", e dos "tannaim" e dos "amoraim", e de sua preocupação quase exclusiva em atender aos problemas de seu tempo. Por mais que naqueles dramáticos tempos fossem esses problemas de suma gravidade para a própria perseverança do judaísmo, jamais se deveria colocá-los acima da questão fundamental, que era a permanente vivência da sabedoria transmitida por Moisés. Reduzir a problemática judaica à visão empírica da realidade de uma época poderia fazer atenuar o interesse pela doutrina perene contida na velha mensagem.

Entre esses críticos emergiu a figura marcante do Rabbi Simeon bar Yohai, no II século da Era Cristã. Ele dizia: "Nós vivemos na superfície da realidade, e não sabemos como atingir o coração . . . Pois o segredo reside no coração daquilo do qual apenas vemos a aparência". E, em outro texto: "O conhecido é apenas o aspecto aparente do desconhecido, pois nada no mundo se encontra solto, isolado de seu contexto universal. Nada neste mundo tem um fim em si mesmo⁽⁸⁾; estamos inseridos num universo de patamares; tudo que há em qualquer deles há também em todos os outros".

A partir do Rabbi Simeon bar Yohai, o resultado dos trabalhos visando fazer reviver a mensagem secreta de Moisés foi denominado Kabbala. A palavra Kabbala vem do verbo hebraico Q-B-L, e significa

"ato de receber, de acolher". Em se tratando de Tradição, por mais importante que seja o ato de transmitir, igualmente necessário e meritório é o ato de receber. Toda Tradição implica nessa dupla atividade: transmitir e receber. Para transmitir é preciso que se tenha o que transmitir e que se conheça como transmitir. Para receber é preciso que se esteja à altura para entender, com vivência, a mensagem transmitida.

A Kabbala oferece-nos algumas chaves para entendermos a mensagem de Moisés. Mas, possuir as chaves, apenas possuí-las, por mais curiosas e interessantes que sejam, de nada nos valerá. Precisamos saber esvaziar-nos de todos os juízos, de todas as formas de lógica, de todos os esquemas e métodos científicos, assim como fazemos quando nos dispomos a ouvir um concerto de grande música, ou quando nos sentamos à frente de um quadro para, em silêncio, o ficar vendo, e aos poucos fazer esse ver se abrir para o contemplar. "Vacate et videte". Só assim é que teremos condições de usar as chaves que a Kabbala nos ofereceu. Só assim é que poderemos mergulhar, com todas as insondáveis forças do coração, no espírito da mensagem do Sinai. Só assim é que a estaremos entendendo com vivência.

CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO

1- II Pedro, 3, 13.

2- Ex. 24, 1 . . . 9.

3- Francis Warrain — "La Théodicée de la Kabbale", ed. Les Éditions Vega, Paris, 1.949, pg. 115.

4- Gênesis X, 10.

5- Gênesis X, 9. A expressão "caçador", tanto na Bíblia como nas histórias mitológicas de inúmeras civilizações, sempre significa "aquele que tem confusão no espírito". Caçador é aquele que mata as coisas do mundo; se mata-as é porque não as ama. Se não as ama é claro que não as compreende. Se não as compreende é porque se encontra mergulhado em confusão.

6- Em certas edições da Bíblia este salmo está com o número 137.

7- Ver Renée de Tryon Montalembert et Kurt Hruby, "La Cabbale et la Tradition Judaïque", ed. Culture, Art, Loisir, Paris, 1.979.

8- Cf. Zohar, III, 128.

A COR

e a sua Função Simbólica

em algumas Culturas

Evidentemente não cabe à Simbólica, dentro do seu campo específico de estudo, a análise exaustiva da luz como o faz a Física e a Ótica, porém ela deve direcionar o seu foco de interesse quanto à significação que as cores receberam, e recebem, nas diversas culturas. Verifica-se que, na elaboração das tradições dos diversos povos, onde o intuito é procurar explicar o mundo do sobrenatural, as cores foram usadas dentro de uma codificação específica. Entretanto, como grande parte deste código se perdeu ou se transformou, alguns elementos se tornaram irreconhecíveis, enquanto outros se mantiveram atuantes.

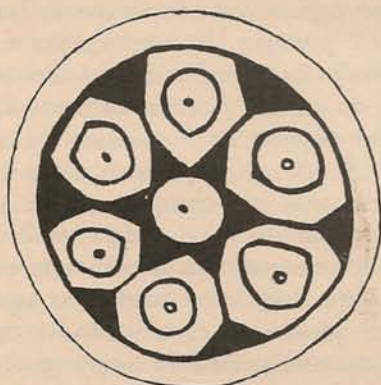
Observa-se que a cor, aditiva de um outro elemento concreto, seja ele um objeto, o corpo humano ou um fenômeno da natureza, pertenceu a uma categoria sui-generis de valores, cuja organização se manteve presa às particularidades da **comunicação simbólica**. Mitos e tabus se utilizaram destes específicos códigos, transportando suas conotações em certos objetos e cerimônias, cuja visualização permitia uma precisa memorização do elemento teórico referido. Desde as épocas mais remotas as cores foram utilizadas com a finalidade de permitir uma comunicação direta, efetiva, visando dar um significado como o que é expresso por palavras, apesar de estar hoje mais cingida ao campo da comunicação religiosa e artística, apesar de ser muito amplo o seu campo de ação.

O problema da cor se originou no momento em que surgiu no homem a idéia de salvaguardar uma informação e, por isso, liga-se à ampla variedade dos rituais agrários, já que este processo de manutenção informativa se originou, também, desta mesma conotação. Não vamos nos estender no relacionamento dos ritos férteis como a passagem dos equinócios no firmamento, do retorno dos solstícios ou da alternância das constelações consideradas por alguns

povos da Antiguidade como pontos-chaves deste tipo de comunicação, mas sim iremos destacar e analisar a influência que as cores tiveram na criação de uma simbologia, e como foram usadas dentro deste específico processo de comunicação não-verbal. Nem todas as cores tiveram o mesmo destaque, assim como o seu uso não procedeu de uma única origem, mas foram estruturadas e organizadas tendo em vista a veiculação de uma **mensagem**. Desta forma foi uma certa cor, e não qualquer uma ao acaso, que permitiu o trânsito de um código simbólico de um objeto, determinando sua decodificação no contexto. Em quase todas as antigas culturas, especialmente nas pré-colombianas, foi utilizado este tipo de veiculação de maneira mais ou menos usual e, em alguns casos, chegam até a época atual, como se observa entre as culturas indígenas. Certas cores foram, posteriormente, consideradas sagradas, atributos particulares de certas divindades, gerando sérios equívocos no processo da significação, já que este tipo de estrutura, em sua origem, sempre possui um caráter comunicativo que pouco se adapta aos conceitos de santidade e divindade, criados posteriormente.

Através de uma montagem colorida e na manutenção de alguns códigos simbólicos, como se observa em algumas culturas, é possível se reconstruir, mesmo que parcialmente, alguns aspectos do passado e reatar o "elo de comunicação", que de outra forma estaria totalmente perdido. Justamente é o elemento visual que se encontra na base deste específico tipo de comunicação, cuja organização e elaboração espacial é bem precisa, que vai permitir que sejam considerados como verdadeiros **textos** os rituais e cerimônias. A mensagem contida valoriza, por sua vez, a cor que lhe é pertinente e a força expressiva, contida nestes mesmos objetos, transmite a mensagem através da cor. Suas imagens, de conteú-

dos pré-estabelecidos, veiculam a informação de forma imutável, mesmo quando tenha sido perdida a significação original. Assim como não se pode usar uma cor qualquer para expressar uma comunicação definida, não é qualquer objeto ou desenho, também arbitrário, que virá a ser o **suporte de uma informação**. Objetos de forma arredondada e colorida, indo desde o **ponto** usado na pintura corporal até o formato de painéis e objetos utilizados em certos rituais e cerimônias, podem ser considerados **símbolos ou objetos sagrados** no contexto mágico-religioso de uma cultura. A colocação de uma cor num espaço visual delimitado, ou em certos objetos, possui uma simbologia especial que tende sempre a valorizar uma parte deste objeto e cujo conteúdo é, por sua vez, bem preciso. Somente certas cores podem ser colocadas em determinadas partes do corpo humano



Tortual de enfeite dos Kamayurá

— neste caso tomado como **suporte** — e podem ser consideradas como atributos informativos de objetos usados em rituais. Este simbolismo sempre se deu num movimento binário sendo, e não raras vezes, um **símbolo**, enquanto em outros momentos é somente um **índice**. No primeiro caso ela possui um conteúdo próprio, dotado de um significado que veicula uma informação única, relativa àquela determinada cor. Quando é índice serve, ao contrário, como mero suporte, como reforço de uma comunicação que transita veiculada por outro elemento, inserido num contexto mais amplo. Como o próprio termo diz, em alguns casos especiais, a **cor é índice da mensagem contida em outras partes do discurso simbólico**. Desta forma parece ficar claro que nem todas as cores tiveram a mesma importância, nem a sua utilização deriva de uma única e mesma origem mas, pelo fato de pertencerem ao domínio da comunicação, foram estruturadas, organizadas e utilizadas

com uma precisa veiculação de determinada mensagem que, por sua vez, se movimentou através dos parâmetros representados por duas cores básicas: o **preto** e o **branco**. De diversas maneiras foi encarada a simbologia destas duas cores entre os povos americanos, como também em alguns da Antiguidade e do Oriente.

De forma especial o branco é ligado ao problema da **marginalização** dos ingressantes nos **rituais de passagem**. Não que ela signifique **pureza** mas, pelo seu conceito de **vazio** que caracteriza estes tipos de cerimônias, e permite a veiculação necessária à mudança do iniciado que se dará durante as passagens do ritual. Atualmente se encontra mais ligada aos valores sociais e morais que foram lhe atribuído, posteriormente, por influência de outras culturas, e são poucas as tribos que ainda a mantêm no seu sentido original.

Tanto o branco como o preto possibilitam a permissibilidade de veiculação na estrutura de alguns **rituais de passagem**. A escolha de uma ou outra conotação desta cor deriva da sequência codificada pela cerimônia que a utiliza. Se a codificação é relativa a um discurso **divino**, usar-se o **preto** e, quando o discurso é **humano** ou relativo ao mundo material, usa-se o **branco**. Relaciona-se assim a todos os problemas vitais nas inúmeras formas destes vários tipos de comunicação não-verbal. Por isto em algumas culturas recebe uma conotação direcional como se vê ao apontar a direção leste, nos quatro pontos cardeais. Em alguns grupos indígenas das Américas as duas cores foram, e o são, utilizadas nos seus valores simbólicos originais, o que demonstra a perfeita utilização dos seus canais e de sua linguagem não verbal — perfeita e eficiente técnica de salvaguarda informativa —. Em outras culturas porém o preto adquiriu a conotação dada a cor branca, invertendo-se a ordem e vindo a significar **negatividade** e **vazio**, originando-se uma confusão nos códigos utilizados. A fertilidade do preto, como suas várias possibilidades, foi usado por povos nas Américas, da África e pelos árabes.

O vermelho é símbolo do que se poderia cognominar **SOLAR** e se encontra ligado ao conceito de **SABEDORIA**, próximo ao de **CONHECIMENTO**, de qualquer tipo e com todas as ilações que lhe podem ser derivadas.

É falso considerar-se o preto como atributo de veiculação demoníaca, enquanto o branco se aplicaria aos elementos santificados; o que se dá é o contrário: pinta-se de **preto** qualquer objeto indicado nos rituais e cerimônias, assim como certas regiões do corpo humano, desde que possam potencializar elementos relativos à **divindade**. O **branco**, por sua vez, teve a mesma finalidade pois é referente ao **mundo humano**. Eis a diferença que gera esta dualidade de opção: a variedade dos elementos informativos, assim como o grau de potencialização desejada está ligado à parte do corpo humano onde vai ser usada, bem como a preferência dada a um determinado objeto que será escolhido para tal função. Por isto o preto é de significação importante na decodificação destes tipos de códigos, pertencentes às culturas indígenas, vindo a se tornar uma verdadeira **cor de veiculação**, adquirindo o significado de permissibilidade, já que seu simbolismo é obstaculizar o trânsito de outras comunicações possíveis e permitindo, assim, somente a passagem de uma única, relativo ao objeto ou cerimônia ao qual se destina. Interpretado em sentido negativo gerou dúvidas quanto ao exato conhecimento do seu significado. Ligado a um dos mais importantes mitos do continente americano, é encontrado com a mesma força expressiva em algumas regiões da África Ocidental, e vem a ser responsável pelos elementos gráficos geométricos: o **triângulo** e o **losângo**, usados na decoração de certos objetos e na pintura corporal.

Desde as épocas mais remotas, o desenho do losângo representou os Gêmeos, cuja mitologia aparece em várias modalidades, porém algumas já corrompidas, como do **sol** e **lua**, **noite** e **dia**, etc. Sua divisão triangular está mais ligada ao problema do **tempo**. Os mitos na Antiguidade não tiveram exclusivamente uma conotação simbólica mas foram, também, verdadeiros **sistemas de datação cronológica**. No campo da comunicação ritualística, qualquer que seja a versão usada para a sequência informativa esteve sempre presente a cor **branca**. Quando a cerimônia realizada está completamente desligada deste seu aspecto codificado originalmente, significa que foi manipulada e se deu uma distorção da mensagem, havendo quase sempre uma perda. Estes rituais, que se baseavam no enterro de gotas de esperma humano e de grãos de milho, tendo substituído, posteriormente, a presença do sêmen masculino por contas brancas ou por objetos de formato arredondado e, através de um processo de abstração, ao simples uso da **cor branca**, ainda são feitos nos dias atuais. Não é de estranhar, portanto, que determinados povos americanos tenham mantido este tipo de

O azul foi considerado como
símbolo da VERDADE, da SERENIDADE,
da PAZ ESPIRITUAL.

Cor do pensamento elevado, trás
consigo a profundidade,
permitindo uma penetração no mais
longínquo e
muitas vezes trouxe
confusão ao ser inserida em
outros contextos culturais.

comunicação não-verbal, utilizando esta cor para a pintura corporal e para a decoração de objetos, todas as vezes que o cerimonial se ligava ao **rito da fertilidade**. Mas, por outro lado, se vê que a cor branca é determinante da idéia de manutenção de uma informação e foi usada, ao longo dos tempos, tanto como índice, como símbolo, na tentativa de manter registradas outras informações. É o que se observa com a cor vermelha, que não apresenta dúvidas quanto à sua conotação. Ligada à idéia de **passagem**, de **energia**, de **vitalidade** é uma cor fosca que não adquire valor espiritual e que nunca será utilizada em seqüências cerimoniais relativas à divindade, ao menos que tenha perdido a mensagem original, o que trás, às vezes, confusão. O vermelho é símbolo do que se poderia cognominar **solar** e se encontra ligado ao conceito de **sabedoria**, próximo ao de **conhecimento**, de qualquer tipo e com todas as ilações que lhe podem ser derivadas. Mais ela escurece em sua tonalidade, mais o seu significado simbólico se torna negativo, chegando a alcançar, dependendo do objeto do contexto do discurso a ser mantido, uma significação quase oposta. Com a tonalidade marrom há um preciso significado e aparece quase sempre, como índice, em oposição ao significado contido em outro elemento, cujo exemplo é a localização numa parte do corpo pintado, que indica o que deve ser comunicado. Por exemplo: pintar o dedão do pé esquerdo ou a rótula do joelho direito com a cor marrom em certas cerimônias significa, em primeiro lugar, tratar-se de um ritual que comunica **avareza**, **falta** ou **necessidade de se corrigir esta privação**. No caso da rótula trata-se de um ritual baseado sobre a privação do **poder material** ou **impossibilidade** na realização de determinados poderes. O marrom é raramente utilizado nos **rituais de passagem** (nascimento, puberdade, morte). Já o mesmo não acontece com o **azul**, quase sempre presente, por ser a cor especial do elemento divino e não de todas as

divindades ou de todos os elementos espirituais que, em certos casos, necessitam do **amarelo**. O azul pode ser definido como uma **cor aberta**, uma vez que é apta a veicular uma série imensa de informações e pode, também, ser utilizada como **índice**, ou seja, como **suporte** e não como **símbolo** em si mesma. É mais um **veículo** que permite o trânsito da mensagem contida em outros elementos e que quer ser evidenciada, do que a **mensagem em si**. Em geral é imprescindível em todos os rituais, assim como é usada em certas partes do corpo, quando a mensagem se refere a elementos **religiosos** ou **espirituais**. Desta forma jamais seria pintado de azul o braço ou o ombro direito, mas sempre o ombro esquerdo, especialmente um pouco acima do cotovelo, para realçar o conteúdo espiritual desta parte já que certas regiões, assim como determinados objetos, adquirem **valores imateriais quando pintados de azul**. Em certos casos, alcança o conceito de **sobrenatural** e outras vezes, quando colocado no joelho direito, no braço ou no ombro direito, no ouvido (parte inferior do lóbulo), o significado próximo ao nosso de **soberania**. Em alguns objetos de uso ritualístico como: colares, a pintura corporal, utilizados em certas cerimônias e acompanhando todos os rituais que se visualizaram anteriormente através da cor verde — cor da iniciação — que foi transportar no azul o que foi a sua primeira corporificação simbólica, ou seja: o orgasmo sexual.

Em algumas tribos, o uso da cor verde
representa a **PRODUTIVIDADE**, no
sentido mais amplo, que vai desde o conceito
de **FERTILIDADE TERRESTRE** até o da
CRIAÇÃO HUMANA.

O azul foi considerado como símbolo da **verdade**, da **serenidade**, da **paz espiritual**. Cor do pensamento elevado, trás consigo a profundidade, permitindo uma penetração no mais longínquo e muitas ve-

zes trouxe confusão ao ser inserida em outros contextos culturais. Observa-se em algumas culturas indígenas uma íntima conexão de todos os aspectos do mundo da natureza, corpo ou substância, numa associação indestrutível que possibilita a decodificação de uma mensagem, quando a cor é usada com uma precípua finalidade para **salvaguarda de uma mensagem**. O uso indevido da cor gerou confusões que trouxeram consigo a impossibilidade de uma perfeita decodificação da mensagem e, quase sempre, a sua perda. Inúmeras vezes foi deslocada a informação.

A conotação simbólica das cores em culturas indígenas americanas e principalmente quando foram utilizadas como um dialeto, dentro do contexto da comunicação é da maior importância. No caso das tribos do Alto Xingu aparece em seus rituais e cerimônias o uso específico de certas cores e quase sempre tiveram, como ponto de partida, os rituais agrários e o movimento estrelar. Em algumas tribos observa-se o uso da cor verde ligado à Constelação das Pleiades. Atribuída a este importante grupo estrelar que abrange a América Central e parte da América do Sul, ela tem uma importância singular dentro do contexto comunicativo não verbal. Ligado ao signo zodiacal do Aquário sempre simbolizou o elemento líquido em seus variados aspectos e não se pode esquecer que muitas tribos veneram este elemento em suas variadas modalidades. O verde presente é a cor da **produtividade**, no sentido mais amplo, que vai desde o conceito de **fertilidade terrestre** até o da **criação humana**. Sempre simbolizou o mais importante elemento de salvaguarda informativa, tendo se valido do eficiente veículo deste código: o **esperma humano**, cuja conotação celeste está na constelação das Pleiades. Foi reproduzido, visualmente, por outro símbolo bastante encontrado nas Américas: o **losango**, ligado à simbologia dos **Gêmeos**. Eis aí porque qualquer um destes elementos poderá se utilizar da cor verde para o trânsito deste específico gênero informativo. A importância desta cor nas Américas, e também em certas regiões da África, não significa, de forma alguma, a anulação das outras cores, pois o uso de uma só no contexto cultural de um povo não vem atestar o deperecimento ou ausência de outra ou outras cores pois na ampla gama simbólica várias são as possibilidades de suas várias utilizações. No caso da cor verde, com a multiplicidade de seus tons, se movimenta sempre a volta de um específico conceito e com possibilidade de ligações que vão, desde uma possível idéia de **vital**, até o conceito de **hábil**. Próximo deste seu derivado da idéia de **possível**, o verde, dependendo da



Preparo para o Quarup: pintura corporal

forma de sua utilização nestas culturas, participa da idéia de **flexibilidade** quando se encontra em relação a elementos materiais ou de **aquiescência**, ao se referir aos seres sobrenaturais. É a cor da adaptabilidade, na infinidade de suas formas que, devido à sua natureza, simbólica intrínseca, pode ser muito influenciada pelo contexto do elemento narrativo no qual se encontra inserido. O uso do tembetá que chamou a atenção dos cronistas como Jean de Léry, André Thevet, Simão de Vasconcelos, durante o século XVI, ao observarem o seu uso entre os índios moradores do litoral, ligava-se ao conceito de **possibilidade** e **auto-suficiência** dos chefes. As pedras verdes foram, por sua vez, motivo de interpretações várias por parte dos estudiosos. O verde é, sem dúvida alguma, a cor específica do continente americano; figuração colorida da constelação das Pleiades, e tem um carácter sagrado. Simbolizada também pelas aves, pelo formato ou pelas plumas abundantes, encontra-se em alguns mitos assim como em alguns códigos gráficos. Utilizou-se também brincos na orelha esquerda e/ou direita, tanto na América como na África estendendo o seu uso ao continente europeu, porém com uma simbologia diferente.

O verde recebeu várias conotações simbólicas: cor da natureza da criação, do renascimento e, também, da vida. Assim, a vegetação é verde; mas também pode ter um sentido negativo: a **morte**, a **livedez**. Desta forma é ela a transmissão e ponte entre o negro (ser mineral) e o vermelho (vida animal), entre vida animal e decomposição, morte. Indica o desespero, a loucura, sendo muito ampla a sua gama inter-

pretativa, porém, como o vermelho, sua utilização entre alguns povos, principalmente os chamados "primitivos", é bem específica e indicadora de uma mensagem ou parte de um discurso simbólico, unida sintaticamente ao contexto do qual faz parte; e, outras vezes, é um **símbolo em si mesma**.

O **amarelo** é a luz solar, a iluminação, e atinge o sentido de dispersão. Entre povos asiáticos aparece com o sentido de **iluminação, sabedoria**.

Entre as tribos do Alto Xingu, em vários rituais analisados, observa-se que há o uso de uma cor determinada para função comunicativa do ritual. Uma cor ligada a determinados **rituais da fertilidade**, por exemplo, ao ter sofrido manuseios vários recebendo interpretações, chega a desvirtuar-se quanto à sua conotação original. No campo da comunicação não verbal se pode observar que, qualquer que seja a versão usada para a sua sequência comunicativa, sempre se encontra presente a cor **branca**. No caso da cerimônia estar totalmente desligada do seu aspecto ritualístico originário, esta cor estava trocada por outra, dando-se assim uma distorção da mensagem e, muitas vezes, como já se chamou atenção, sua própria perda. Os ritos da fertilidade se baseiam, na sua essência, no enterro das gotas de esperma humano e de grãos de milho tendo, posteriormente, transformado a presença do sêmen masculino em contas brancas ou em outros casos chegando por um processo abstrativo, à própria e pura **cor branca**. Não é de estranhar, portanto, que se encontre em alguns rituais mantidos no Alto Xingu a utilização do branco para a pintura do corpo e mesmo para a decoração de certos objetos, todas as vezes que esta cerimônia se encontra ligada aos rituais da fertilidade.

Todos os códigos de salvaguarda
informativa não verbal,
originadas dos ritos da fertilidade,
participam fundamentalmente de uma cor
sempre presente,
desde que não tenha sido
perdida
a mensagem, e esta cor é a branca.

No caso do Quarup — ritual religioso em homenagem aos mortos e que revive a lenda da criação — são utilizadas duas cores fundamentais para a pintura corporal dos participantes: o **preto** e o **vermelho**. Têm ambas um significado dentro do contexto no qual se encontram inseridas, distanciando-se da conotação que normalmente lhe são atribuídas. São usadas como símbolo e como índice. O preto, retirado do carvão, aparece na pintura corporal. Seu símbolo original foi o de **energia, força solar**. Usado em todas as mensagens relativas à matriz, órgão feminino gerador, produtividade e, com este sentido, perdura até os dias de hoje. O vermelho, obtido do urucu, tem uma tonalidade vibrante e é usado na pintura corporal com prolixidade. Nesta cerimônia tem uma função meramente indicativa, é utilizada como denominador comum de todos os elementos ligados ao problema da **vitalidade**.

No Jawari — cerimônia kamiurá do Alto Xingu — volta a ser usado o vermelho, o preto e o branco. O preto, como símbolo, está repleto de significados e elementos comunicativos indicando energia, porém sob um enfoque todo especial, neste caso: **sêmen** ou **matriz**. O vermelho continua com a sua função indicadora. O branco, retirado das areias dos rios e de terras esbranquiçadas, é **índice**. Ressalta a sua permissibilidade, isto é, a veiculação para o trânsito do elemento principal que poderia ser alterado com o uso de qualquer outra cor, sendo a conotação portanto alterada.



Guerreiros preparados para a Cerimônia do Jawari



Pintura corporal usada no Jawari

Verifica-se que o uso da cor, tanto como **símbolo** e/ou como **índice**, justamente devido à conotação simbólica que adquire em certos casos, constitui um indicador de decodificação da mensagem salvaguardada. Nota-se que ainda se mantém, em alguns rituais e cerimônias, em toda a sua pureza, o que nos possibilita a decodificação da mensagem transmitida.

Podemos sintetizar afirmando:

— Todos os códigos de salvaguarda informativa não verbal, originados dos ritos da fertilidade, participam fundamentalmente de uma cor sempre presente, desde que não tenha sido perdida a mensagem, e esta cor é a **branca**.

— As cores de apoio utilizadas nos rituais e objetos que se tornaram informações destes códigos específicos, como caso dos rituais das tribos do Alto Xingu, não foram escolhidas ao acaso, mas possuem uma conotação cujo referencial é o elemento divino — característico desta região —.

— Este elemento divino é sempre sistematizado em códigos mitológicos que se utilizam de uma determinada cor e de rituais e objetos cuja finalidade é a manutenção e a veiculação de um tipo específico de informação.

— Cores específicas foram, conseqüentemente, utilizadas por outros povos e nem sempre foram codificadas verbalmente mas não deixam de pertencer ao campo da comunicação não verbal. Possuem uma conotação simbólica precisa e podem ser passíveis de decodificação, o que fizemos neste presente estudo.

Yolanda Lhullier dos Santos

RENÉ FÜLLÖP MILLER

Posição filosófica - Fé e Razão

Nasceu em 1891, na região Banat da Hungria, mais tarde cedida à Romênia. Seu pai era um emigrante alsaciano, sua mãe originária da Servia. A amplitude de seus *backgrounds* está em harmonia com a versatilidade de seu gênio. Como jornalista, editor e escritor criador, ele residiu em Viena, Paris, Budapeste, Moscou, Londres, Los Angeles, Nova Iorque e muitos outros lugares. Firmou seu nome de escritor com a obra "The Mind and Face of Bolchevism" e as biografias de Lenin, Gandhi, Tolstoi, Dostoevski e do Papa Leão XIII. Escreveu, também, livros sobre o teatro russo e americano, e sobre ciência médica como, por exemplo, seu recente *best-seller* "O Triunfo sobre a Dor", e muitos outros assuntos de importância histórica e cultural. Nos Estados Unidos, ele é mais conhecido como o autor de "Rasputin, the Holy Devil" e "The Power and Secret of the Jesuits". Em seus livros ele revela uma compreensão apaixonada, quase mística, das experiências e problemas religiosos, aliada a um conhecimento claro e científico de todas as facetas da psicologia humana.

O homem em referência foi discípulo dos famosos psiquiatras Babinski, Forel e Freud. Submeteu-se de livre e espontânea vontade ao treinamento mental e espiritual dos "Exercícios" de Inácio de Loyola, e viveu como um eremita na curiosa república de monges na ilha grega de Aatos, da qual retornou ao mundo como pouquíssimos outros fizeram, para continuar sua carreira de grande escritor abordando tópicos de eterno interesse humano.

POSIÇÃO FILOSÓFICA, FÉ E RAZÃO

O poeta é o turginão do homem, diz José Ortega y Gasset. Padecemos de mudez no nosso secreto falar interno, em nosso solilóquio. Não sabemos dizer a nós mesmos as palavras com as quais nos entenderíamos. O poeta é nosso intérprete, daí a impressão de que nos plagia. Nosso falar é o falar de outras bocas, que em nós encontra ressonância.

Para enfatizar o pensamento de René Füllöp Miller, faço uso do dizer de uma crônica de Patrícia Bins: "Os verdadeiramente conscientes, os que cultivam a reverência pela vida, sabem que devemos integrar a ciência, o progresso, nosso *modus vivendi*, com outras formas de criatividade menos lógicas,

menos lineares, porque os grandes momentos em que se criou algo de novo não foram momentos de lógica; estes momentos vêm do inconsciente, à moda de poesia".

Cabe aqui a lembrança de Paulo Claudel de que "a poesia é criação divina, dá testemunho de Deus, pois em sua pureza, como a prece, é um e mesmo anseio da alma humana".

René Füllöp Miller em sua "nota ao leitor moderno", que serve de introdução ao seu livro "Os Santos que Abalaram o Mundo", faz a colocação de que uma filosofia superficial inclina o pensamento do homem para o ateísmo; mas uma filosofia profunda conduz as mentes humanas à religião.

Os grandes filósofos precursores do racionalismo do séc. XVIII, diz ele, eram bastante humildes para reconhecerem os limites da experiência perceptiva. Curvavam-se, reverentes, diante das coisas para além da esfera da investigação racional. Pedro Bayle, que com sua filosofia cética forneceu as bases do racionalismo esclarecido, admitia francamente que a razão basta, quando muito, para revelar erros e não para descobrir verdades.

Entrementes, as ciências empíricas na sua busca das leis naturais fizeram, uma após outra, assombrosas descobertas induzindo a razão, consequentemente, a tirar a falaciosa conclusão de que somente ela possui a chave do verdadeiro conhecimento. Com crescente liberdade e ousadia foi proclamada a teoria de que para a ciência nada poderia haver de sobrenatural e incompreensível e de que, pelo contrário, cada fenômeno, cada ocorrência, poderia ser explicado por meio de causas naturais jacentes inteiramente dentro dos limites da investigação empírica.

Cada vez que uma nova lei da natureza era descoberta e formulada a humilde modéstia, que tinha até então caracterizado os antecessores do empirismo, tornava-se mais fraca enquanto que a arrogância e confiança na razão humana continuavam a crescer.

Kant, destinado a tornar-se um dos mais severos críticos da razão, chega à conclusão, em sua "Crítica da Razão Pura", da impossibilidade da apreensão da metafísica como ciência; mas, se é impossível como conhecimento científico, especulativo, teórico, não quer dizer que seja impossível em

absoluto. A causa primeira, Deus, a alma, não se explicam com a objetividade com que se explica uma máquina, o que não invalida sua existência e nossa possibilidade de participação nessa realidade, para além de toda intelectualização. Kant consegue demonstrar que as teses e as antíteses convivem juntas; o lógico e o ilógico. Junto com a razão devemos dar lugar à força que chamamos o acaso, o imprevisível; os historiadores sentem horror ao acaso, irrita-lhes e ofende-lhes o juízo. O acaso é a potência inimiga da razão, o *enfant terrible*, que zomba e ri da razão; que, exibindo-se cinicamente, ofende o pudor da ciência. O historiador do futuro, é claro, terá que achar no real, como um de seus ingredientes, o acaso; e terá que prestar-lhe atenção, sublinhar-lhe a existência, como faz com as restantes forças da natureza; terá, ainda, que reabilitar o acaso de sua pejorativa qualificação de irracionalidade, apenas porque foge ao limite de nosso pensar, e engolir sem escrúpulos e sem melindres aquilo que escapa às nossas limitações.

Os cientistas chegaram à conclusão, diz René Füllöp Miller, de que o que havia sido interpretado como leis da natureza, não era nada mais que o cálculo das probabilidades. Este cálculo das probabilidades, com suas médias estatísticas, aplicava-se somente a enormes números de exemplos, a inumeráveis repetições de um mesmo processo. No domínio do infinitamente pequeno, no mundo dos átomos e elétrons, porém, estes grandes números não mais foram encontrados. Aqui prevalecia o poder que chamamos acaso, um destino microscópico que zomba do cálculo da razão. De modo que se tornou de todo discutível se as forças humanas do conhecimento não enfrentam aqui barreiras intransponíveis. . . . Quanto mais avançava a biologia mais impossível achavam os biólogos reduzir a vida a uma fórmula racional, até mesmo a das plantas mais minúsculas. Eram obrigados a constatar que o "Newton da folha de erva" ainda não aparecera. . . e não aparecerá. . .

E então, pouco mais de um século e um quarto depois que se estabeleceu a ditadura da razão, com o objetivo do domínio universal outra revolução explosiva: nova tendência filosófica liderada por Emílio Boutroux e Henri Bergson, que começou a minar a regra absoluta do racionalismo e a lutar pela validade das verdades metafísicas. O materialismo anti-metafísico perdia terreno quanto mais atrevidamente tentava atacar os problemas da vida, para deduzir de mortas leis mecânicas os fenômenos vivos. "A ciência tem uma atitude artificial para a sua atuação,

imobiliza o objeto de estudo", diz Bergson; trata-se de uma pausa e não do tempo que flui, de algo "vital", com velocidade presentes e acelerações presentes. No macrocosmo, a concepção do universo como mecanismo de relógio figura hoje como ferro-velho e pensamento fora de uso.

René Descartes, o primeiro a proclamar a supremacia universal da razão, o pensador que postulou a dúvida como começo da busca humana da verdade, (a dúvida uma imperfeição, a certeza uma perfeição) e procura explicar em termos mecânicos os movimentos das estrelas e a pulsação do coração humano e do animal, estava preparado para reconhecer Deus como a mais firme e perfeita realidade, como a causa primeira de todos os fenômenos. Blaise Pascal a quem as matemáticas e a física devem a descoberta de princípios de fundamental importância, combinou seu conhecimento com sua fé nas leis de Deus. O mesmo acontecia com Leibniz, cabeça enciclopédica, autoridade científica indiscutida. E até mesmo Voltaire, o grande livre pensador do séc. XVIII, escreveu como derradeira confissão: "Morro adorando a Deus."

O físico Ernest Mach expressou suas dúvidas quanto à aplicação da razão no domínio da ciência natural e escreveu: "Quando pensamos ter logrado êxito na compreensão dum processo, o que aconteceu de fato foi ligarmos incompreensibilidades desconhecidas e incompreensibilidades conhecidas".

A religião e a ciência são duas formas poderosas que influenciam a força de nossas intuições religiosas e a força de nosso impulso para a observação acurada e a dedução lógica. Há verdades mais amplas e perspectivas mais belas na reconciliação dessas duas tendências do espírito humano. Onde? Numa religião mais profunda e numa ciência mais sutil.

A religião, lembra René F. Miller, se relaciona com os valores que trazem à nossa consciência aquele lado permanente pelo qual nos podemos interessar, dotando o momento transitório com a significação do permanente. Sem a visão religiosa a vida humana é apenas um clarão de prazeres ocasionais, uma bagatela de experiências passageiras. . .

Vamos restituir à pessoa humana o seu direito à fé, a simplicidade e a crença de que não é um joguete de forças cegas do destino, mas que é um ser livre e está destinado a viver sobre a terra até que o germe da perfeição divina que nele existe possa florescer.

Ivone Pletsch

O Universalismo em Ashoka

1. INTRODUÇÃO

No continente ocidental a idéia de universalismo sociológico começa a tomar forma nos começos do século XX dentro da Escola de Viena, com Othmar Spam, Heinrich e seus discípulos. Porém, na busca de fontes mais antigas podemos remontar ao século IV a.C., no sub-continente indiano. Ashoka, o grande imperador, grande por seus dotes de político, guerreiro, estadista, religioso, místico e sobretudo por sua grandeza como ser humano, propendia à união de todos os homens.

Esta idéia, tratou de impô-la dentro das possibilidades e conceitos de sua época. Conceitos que, a nosso ver, foram realmente muito evoluídos para seu tempo.

No grande território que constitui a Índia, e ao correr de sua história, podemos encontrar grande diversidade de grupos étnicos, religiosos, lingüísticos, de costumes e de seitas.

Como resultado de tanta diversificação o poder se encontra dividido, dada sua realidade política e social. Pequenos reinos combatiam freqüentemente entre si para consolidar suas hegemonias.

2. OS MURAIAS

Com o advento da dinastia Maurya ao fim do século IV a.C., o quadro político se simplifica e o poder se centralizará. Chandragupta Maurya, conhecido pelos gregos como Sandrocottos, sobe ao trono dos Nandas por volta do ano 321 a.C. Levou a cabo uma política expansionista conquistando toda a zona selúcida ao noroeste, atualmente Afeganistão, e também controlou toda a planície do Indo ao Ganges.

Bindusara é o segundo imperador e consegue subjugar a zona do Decan.

Ashoka recebe o império com um poder real unificado.

Segundo as crônicas, que divergem entre si, começou seu reinado por volta do ano 272 a.C.

O Arthasastra, tratado político que se atribui a Kautilya, que foi ministro de Chandragupta, foi a chave da estratégia que se desenvolveria para a unificação do império, tanto no âmbito militar, como no administrativo, político e social.

Esse tratado continuou em plena vigência durante o reinado do terceiro imperador.

A Ashoka só restava uma região por conquistar: Kalinga, a atual Orisa, que finalmente caiu sob seu domínio. Foi uma guerra realmente cruenta e, segundo as próprias palavras do imperador, "Cento e cinquenta mil pessoas foram deportadas, cem mil sofreram morte violenta e um número várias vezes superior a este pereceu" (1).

Até este período de sua vida podemos ver que, como herança, se entrega a Ashoka um império muito vasto, quase toda a península, exceto a zona de Kalinga que era de importância vital para o império, por ser a passagem obrigatória em direção ao leste. Também continua pondo em prática as regras do Arthasastra, alma mater, de uma política expansionista quanto a conquistas territoriais e centralização do poder, sem deixar de lado todas as suas legislações quanto aos impostos, sistema de espionagem para segurança do império e antecedentes do que foi com os anos a geopolítica, como também relações e intercâmbio de embaixadores com os demais estados.

Como se pode avaliar até a conquista de Kalinga, Ashoka não deixa de ser um imperador guerreiro com afãs de conquista territorial. É logo e paulatinamente depois de dita batalha, e de sua conversão ao budismo, que começa a desenvolver uma idéia pessoal que o colocaria em um dos lugares mais importantes da história.

É interessante destacar que a religião imperante na época era o hinduísmo, com grande profusão de ritos e sacrifícios. Também se dividia a sociedade nas clássicas quatro castas, que por sua vez tinham numerosas sub-castas. Já o primeiro Maurya havia deixado a religião ortodoxa para se converter ao jainismo que surge contemporaneamente com o budismo, religião assumida por Ashoka.

Tanto o budismo como o jainismo deixam de lado a divisão da sociedade em castas, para considerar todos os homens iguais. Porém seria simplificar a questão fazer uma análise do ponto de vista puramente religioso. Porque o budismo da época de Ashoka não era somente uma crença religiosa, mas um movimento social e intelectual.

A nova crença abraçada por Ashoka não impediu que se estabelecesse uma distinção entre sua fé pessoal e o apoio que oferecia ao budismo, por um lado, e por outro sua atuação como imperador man-

tendo-se imparcial com todas as religiões.

Isto se observa ao estudar seus éditos. Em uns se dirige como imperador a seu povo, enquanto que em outros se manifestam claramente seus direcionamentos à *sangha* (ordem monástica fundada pelo Buda).

3. DHAMMA (lei, norma, verdade, o ensinamento do próprio Buda)

Talvez o mais notável em Ashoka tenha sido uma nova idéia no social e no político. É a idéia do *Dhamma*, que tinha um significado muito amplo, segundo o contexto em que se a empregasse — Lei Universal ou Justiça, assim como Ordem Social ou Religiosa.

É esta idéia de *Dhamma* que faz de Ashoka um rei que se projeta mais além de seu tempo, dando a sua política um sentido social.

A teoria do *Dhamma* dentro da Índia Mauryana não era só o resultado de atos de piedade religiosa, mas sim expressava uma atitude de responsabilidade social.

Anteriormente se interpretava o *Dhamma* de Ashoka como um sinônimo de budismo; por conseguinte, deduziam que no ânimo do imperador somente havia o desejo de converter o budismo na religião do Estado, e da difusão de dita fé.

O *Dhamma* estava projetado para criar uma consciência, na sociedade, de responsabilidade partilhada, do respeito mútuo de uma pessoa para outra. Era uma forma de reconhecer a dignidade de todos os homens, que eram chamados filhos do imperador. Foi o começo de uma sociedade estruturada sobre a base do respeito da individualidade na sociedade, que tinha sua correspondência na concepção filosófica da unidade na multiplicidade.

3.1 AHIMSA

A não violência (*ahimsa*) era outro princípio fundamental do *Dhamma*. Isto implicava numa renúncia às guerras expansionistas e à violência; porém não só à violência contra o ser humano como contra qualquer forma de vida.

Não obstante, aceitava que havia ocasiões em que a legítima defesa era necessária; por exemplo, em caso de invasão do território por parte de outros povos.

Podemos analisar que a reforma no governo de Ashoka tinha um sentido humanista dentro de seu próprio reino. Aspirava à expansão de sua doutrina nos territórios vizinhos, como um exemplo de governo, até ser aceita por todo o mundo.



Fragmento de um édito de Ashoka

4. ÉDITOS

Para dar a conhecer a doutrina gravaram-se os éditos em pedras e colunas construídas para esse fim.

Essa idéia foi tomada das zonas norte-ocidentais que anteriormente haviam formado parte do império aquemênida, e que conservavam influências artísticas persas, já que os capitéis das colunas de Ashoka tinham uma notável semelhança com os de Persépolis, mandados construir por Dario, assim como também a redação inicial; por exemplo, Dario encabeçava suas frases: "Assim diz o Rei Dario ..." e Ashoka: "O Rei, o amado dos Deuses, Puyadasse, fala assim ..." (2)

"Todavia o conteúdo era muito diferente; os de Dario glorificavam o imperador, narravam suas façanhas e conquistas, e enumeravam os povos e tribos que estavam sob seu domínio. Os de Ashoka faziam conhecer sua nova política e davam as instruções que deviam cumprir o povo e os ministros de seu governo."

"Estes éditos tinham muitos toques pessoais, e as inscrições foram provavelmente redigidas pelo mesmo imperador." (3)

É interessante ressaltar que estes éditos estavam redigidos em dialetos indianos médios, adaptados à linguagem popular. Por exemplo, nas regiões vizinhas a Peshawar, a noroeste, estão em escrita Kharosthi, que deriva da escrita aramaica utilizada no Irã; em Kandhar, no extremo ocidente do império, as inscrições estão em grego e em aramaico, e em outras zonas da Índia, em escrita brâmane.

A escrita culta da época era o sânscrito, que só estava ao alcance dos brâmanes ou classes superiores, porém completamente desconhecida pelo povo. Isto nos dá outra pauta de que as intenções do governo de Ashoka eram dirigidas ao povo todo, já que sua preocupação era que, segundo a região, as inscrições deviam ser feitas no idioma que o povo falava, para sua melhor compreensão e difusão.

Também teve a inquietação de que seus escritos fossem assentados nas zonas de fronteiras com os reinos vizinhos. As relações com eles eram fluentes e amistosas, desenvolvendo uma grande atividade diplomática.

5. UNIVERSALISMO

No Édito V sobre pedra, Ashoka fala das boas e más ações, e que tanto a conduta dele como a de seus sucessores devem corresponder à prática da Lei. Explica a criação do cargo de superintendente da Lei, e especifica quais devem ser suas funções. Ademais, indica as regiões nas quais eles devem trabalhar e, como veremos, não se limita ao continente indiano, mas se projeta a seus vizinhos.

“O Rei amigo dos deuses e de olhar amigo fala assim: uma boa ação é uma coisa difícil. Quanto a mim, tenho feito muitas boas ações. E meus filhos, netos, e toda aquela que seja minha posteridade até o fim do mundo, se eles seguirem meu exemplo, farão igualmente boas ações. Porém, o que descuidar de algum detalhe obrará mal, porque o pecado é coisa fácil.

Em tempos passados não existiam os “Superintendentes da Lei”. Eu, depois de treze anos de minha consagração, criei os Superintendentes da Lei. Eles devem ocupar-se de todas as Seitas para a instauração da Lei, para seu progresso e para o bem e felicidade dos fiéis da Lei entre os Gregos, Cambojanos, Gandharianos, Rustika, Petimika e outros ocidentais.”

Cremos que o parágrafo anterior é claro quanto ao desejo de Ashoka de expandir sua idéia, sobre a prática da Lei, e finaliza este édito reafirmando o anteriormente exposto e rubricando sua intenção de que esta Lei seja difundida universalmente.

“No que concerne ao domínio da Lei, o estabelecimento da Lei, a administração de caridade em todas as partes
(em mim mesmo)
sobre a terra

têm que ocupar-se dos fiéis da Lei, os Superintendentes da Lei . . .”

Outro detalhe importante a salientar é que os Superintendentes devem ocupar-se do bem estar de todas as seitas. Pelo que podemos afirmar que seu interesse não estava focalizado em um grupo específico de fiéis, mas em todo o povo.

Outro édito que também põe em evidência o objetivo universalista de Ashoka é o VI sobre pedra.

“Porque eu não me satisfaço com o trabalho e a conclusão dos assuntos. Porque eu considero que meu dever é o bem de **todo o mundo**. Então o princípio disto, é trabalhar e tratar bem os assuntos. Porque não há atividade superior a fazer **o bem do mundo inteiro**. E todo o esforço que eu faça é para liberar uma dívida com respeito às criaturas; aqui abaixo eu trabalho por sua felicidade e no outro mundo eu quero que elas ganhem o céu.

Fiz gravar este texto da Lei para que ele dure muito tempo e para que meus filhos, netos e bisnetos se conformem para **o bem do mundo inteiro**. Porém é difícil sem um grande esforço.”

Três vezes, de forma bem explícita, este texto demonstra o interesse de Ashoka para que a Lei seja posta em vigência em todo o universo.

O Édito XIII sobre pedra é talvez um dos mais extensos e exemplificadores de todo o seu pensamento. Mostra seu arrependimento pelo desastre que causou em Kalinga e enumera os mortos e deportados. Porém afirma que não são as batalhas que asseguram a vitória de um rei, senão a paz. É a prática da Lei que deve expandir-se através de seus enviados e ganhá-los para a prática da Lei.

“. . . O benefício que se obtém é uma vitória universal.”

Achamos que este parágrafo é muito claro e preciso quanto ao pensamento que queremos sublinhar.

“Todos os homens
são meus filhos. Como para
meus filhos,
eu desejo a eles todo bem
e felicidade neste
mundo e no outro. É isto que
eu desejo
para todos os
homens.”

Nos Éditos Separados de Kalinga, no nº II, dirigindo-se a Tosali e a Samapa, fala assim:

“ Sob a ordem do amigo dos deuses. A Tosali, o
O Amigo dos deuses fala assim a Samapa,

príncipe, e os Superintendentes portadores das ordens reais devem ouvir assim:

O que julgo bom, eu desejo obtê-lo por minha ação e levá-lo adiante com método. O que eu considero como o melhor método nesta matéria são minhas instruções a vocês.

Todos os homens são meus filhos. Como para meus filhos, eu desejo a eles todo bem e felicidade neste mundo e no outro. É isto que eu desejo para todos os homens.

Se meus vizinhos independentes se perguntam o que eu desejo, tudo o que eu desejo é que se dêem conta de

que $\left(\begin{array}{c} \text{o rei} \\ \text{o amigo dos deuses} \end{array} \right)$ quer

que eles não tenham apreensão sobre este assunto; que eles tenham confiança nele; que eles tenham felicidade e nenhum mal. Eles devem se dar conta de que o rei suportará pacientemente deles tudo o que seja possível suportar e que por minha causa eles devem praticar a Lei e vencer neste mundo e no outro.

Com este objetivo é que eu vos dou minhas instruções indicando-vos como deveis livrar-vos da dívida que tendes comigo, e fazendo-vos conhecer minha vontade sobre isto que é minha resolução e minha firme promessa. Atuando assim, a obra deve ampliar-se; eles devem estar certos . . . deste modo eles poderão se dar conta de

que $\left(\begin{array}{c} \text{o rei} \\ \text{o amigo dos deuses} \end{array} \right)$ é

como um pai para eles, e que ele os ama como a si mesmo; eles são como filhos $\left(\begin{array}{c} \text{do rei} \\ \text{do amado dos deuses} \end{array} \right)$

Dando estas instruções e fazendo conhecer minha vontade a respeito do que é minha resolução e minha pro-

messa firme, terei em mira a felicidade das pessoas. Porque tendes o poder para dar-lhes confiança, bem e felicidade, neste mundo e no outro. Fazendo assim, fá-los-ás ganhar o céu e liberareis minha dívida de obrigação . . .”

O édito continua indicando em que lapso de tempo deve ler-se o mesmo.

O importante é ressaltar que no texto anterior o imperador assume a todos os homens como seus filhos. Também deseja que os estados limítrofes adiram à prática de sua Lei sem nenhum tipo de inquietação; que só deseja o bem deles neste mundo e no outro.

O Édito VII sobre coluna, sem ser tão manifesto, reitera a idéia de que todos os homens devem conformar-se à prática do *Dhamma*.

“ . . . O progresso da Lei entre os homens tem sido obtido de duas maneiras somente: pelas regras da Lei e pela meditação . . .”

Dá dois métodos pelos quais o progresso humano foi realizado; pela prática da Lei e pela meditação. O texto continua acentuando que é especialmente pela meditação que o Ser humano pode alcançar seu objetivo, ou seja, a prática da Lei.

“Agora mesmo eu fiz estabelecer esta regra da Lei: proibição de matar tais e tais seres vivos; outras regras têm sido estabelecidas por mim; porém, é pela meditação que se obtém o maior progresso da Lei, em vista da conservação dos seres e a abstenção da matança dos animais.

Eu fiz isto para que dure (o progresso da Lei) entre meus filhos e meus netos, tanto como a lua e o sol e que se dê a isto o consentimento. Porque consentindo nisto se ganha este mundo e o outro.”

6. CONCLUSÃO

Os éditos que anteriormente transcrevemos, e analisamos, são aqueles nos quais se reflete mais explicitamente o desejo de Ashoka de conseguir a unificação de todos os homens.

Porém, em um estudo de todos os seus éditos, podemos ver que essa idéia é o elo condutor e central.

Na breve análise que fizemos da idéia de *Dhamma* e *ahimsa* encontramos as bases ou colunas que fundamentam seu universalismo.



Capitel de Ashoka

Se a idéia filosófica de *Dhamma* significa Lei Universal ou Justiça, por extensão, trasladada à sociedade indiana, equivale à Ordem Social. Ashoka amplia ainda mais este fim dando-lhe uma conotação de responsabilidade social.

“O *Dhamma* estava destinado a formar uma atividade espiritual na qual a responsabilidade social, o comportamento de uma pessoa para outra, se considerava de grande importância. Era um pedido para reconhecer a dignidade do homem, para desenvolver a tendência do espírito humanista nas atividades da sociedade.”⁽⁴⁾

Se analisamos como se combina a idéia de *Dhamma* com seus diferentes significados, podemos imaginá-lo como círculos concêntricos. O primeiro e menor seria o equivalente à Responsabilidade Social; o círculo que o rodeia, Ordem Social; e o terceiro e maior, Lei Universal. Assim, desde o comportamento que implica uma Responsabilidade Social, se conseguiria a Ordem Social, que estaria em harmonia dentro de uma Lei Universal.

Por outro lado, a idéia de *ahimsa* está incluída dentro do *Dhamma*. Para levar a cabo este equilíbrio Social, deve se desterrar a violência que atenta contra a base mesma da Sociedade.

Como vemos, o pensamento de Ashoka é coerente em todo o momento e trata de implementar, passo a passo, sua idéia para a consecução de seus fins.

Não cremos que as fórmulas: “O bem de todo o mundo”, “O mundo inteiro”, “Sobre a terra”, sejam meras expressões, mas seu preciso significado.

Ashoka pretendia, em sua idéia universalista, que cada grupo social ou étnico mantivesse suas características próprias e que estas fossem respeitadas pelos demais homens.

“Porém o Amado dos deuses não considera que as prendas da honra sejam tão importantes como o progresso essencial de todas as Seitas. Sua base é o controle da língua própria, de modo que não se exalte a própria seita ou se denigra a de outra pessoa em ocasiões pouco oportunas . . . Em toda a ocasião se deve honrar a seita de outro homem porque, ao proceder assim, se aumenta a influência da própria seita e se beneficia a do outro; enquanto que, procedendo de outra forma, diminui-se a influência da própria seita e se prejudica a do outro . . . portanto, a concórdia deve ser recomendada a fim de que esses homens possam ouvir os princípios que outro sustenta.”⁽⁵⁾

Falamos que este édito é suficientemente explícito no que se refere à tolerância e respeito para outros costumes ou seitas.

Em nosso entender, os elementos do universalismo manifestam-se claramente através de todo o pensamento de Ashoka.

Não deixamos de admirar o grande empenho que pôs em uma doutrina que tem um substrato profundo de unidade, tratando de harmonizar as diferenças intrínsecas da Sociedade Mauryana, para buscar a linha diretriz em uma política que aspirava a elevar o nível de seu povo em diferentes aspectos e, em especial, a hierarquizar o ser humano.

Aspirou a que suas idéias fossem aceitas pelos continuadores, tanto de seu império, como pelos governantes dos povos vizinhos, pensando que seria uma conquista para a humanidade. Em outras palavras: dentro do mundo conhecido naquele momento, pode se considerar a doutrina de Ashoka como o primeiro intento de universalismo.

Liliana Garcia Daris

(1) Thapar, Romila. “História de la Índia”, México, 1969, pg. 86.

(2) Thapar, Romila. “Ashoka and decline of the Mauryas”, pg. 251.

(3) Basham, A. L. “The wonder that was India”, pg. 53.

(4) Thapar, Romila. “História de la Índia”, pg. 104.

(5) XII Édito em Pedra.

O Homem e seus Símbolos Iniciáticos

O HOMEM e o TEMPLO

O Homem e seus símbolos iniciáticos.

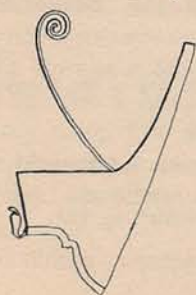
Assim como o esqueleto de um animal pré-histórico nos induz a pensar sobre a centelha vital que um dia o animou, sobre a ferocidade ou mansidão, sobre sua pele e músculos e mil outras incógnitas que não se esgotam na medida de nossa observação; assim a história nos apresenta esqueletos incompletos do passado, colunas partidas, templos destruídos, documentos fragmentados que, como os ossos do nosso exemplo, embranquecem calcinando-se a cada dia.

Reconstruir a aparência física de uma civilização é tarefa ímproba, porém reconstruir os símbolos religiosos que permitiram a solidariedade espiritual de um grupo humano é impossível sem a experiência íntima de intuições sacralizadas.

Cada vez que um arqueólogo descobre vestígios da presença do homem em qualquer parte do planeta, encontra assim mesmo os espectros dos deuses que animaram seus sonhos de eternidade.

Mircea Eliade diz: "Quando nasce o sagrado, o mundo começa a existir, não com um acima e um abaixo, mas como um modo ontológico. Espaço e tempo tornam-se uma totalidade".

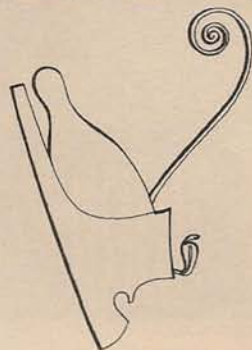
O primeiro passo para a grande descoberta do sagrado está simbolizado por um traço que une o céu e a terra; entretanto, o símbolo estaria inacabado sem a presença de uma outra linha, esta vez horizontal, que demarca o horizonte visível, a momentânea realidade psicológica.



Coroa do Baixo Egito



Coroa do Alto Egito

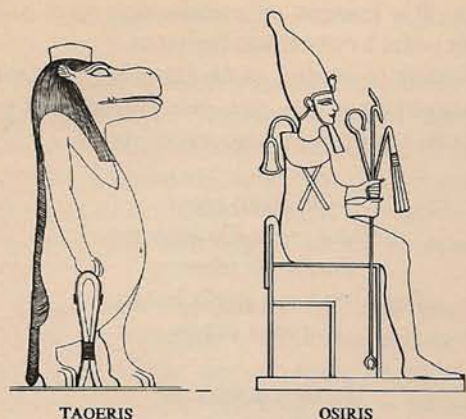


Coroa dupla do Alto e Baixo Egito

No Egito representavam esta fase pela dupla coroa, do Alto e do Baixo Egito; e, ainda com maior clareza, através do gancho e o látego. Estes dois elementos indicam forças opostas, de atração uma, de repulsa a outra; o processo da vida interpreta-se como efeito da interpenetração destes princípios opostos que caracterizam a dimensão humana. Entretanto, quando esses elementos (o gancho e o látego) aparecem cruzados nas mãos dos iniciados faraós, simbolizam um estado de consciência harmonizada; a dualidade é conquistada pela unicidade, o movimento, pelo equilíbrio estável, a guerra, pela paz.

O segundo momento está representado pelo laço de Toeris, a deusa protetora dos nascimentos. O nó desse laço une definitivamente os opostos para deixarem de existir como tais, dando assim lugar ao terceiro símbolo, que é o Ank. Esta cruz, chamada ansata, tem a mesma significação que as chaves de São Pedro para a simbologia cristã. Isto é, é a chave que abre as portas do céu, do espírito, da virginal essência de todas as coisas.

Inicia-se, assim, a quarta etapa, onde o candidato é representado navegando no rio Nilo, sobre uma barca de papiro, e armado com um arpão. Ele sabe, agora, quem são os inimigos da liberação, da luz, e os enfrentará. É importante esclarecer que estes inimigos ou divindades do mal são seus próprios pensamentos, suas próprias projeções e fantasias, que estão simbolizados por Sebek, o crocodilo, emblema da morte e da transformação. Repeti-

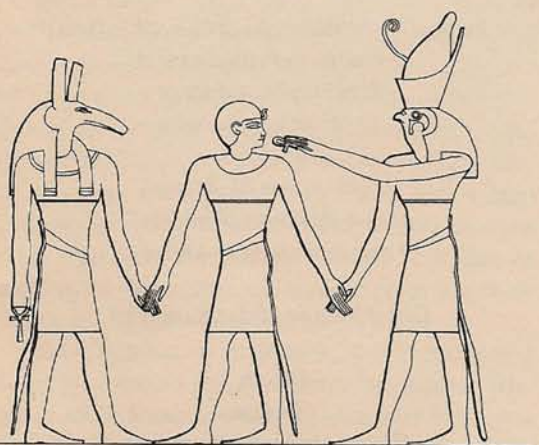


TAOERIS

OSIRIS

rá, então, as sagradas palavras: “Sebek ur Sebek”, isto é, “Só a morte vence a morte”. Morrendo para a vida mundana, desapegando-se das imagens terrestres e procurando as celestes, alcançará o Oudjat, o olho da visão justa, o agente da justiça.

Este olho, que no céu se expressa como a estrela Shoter (Sírio) e na terra como o homem verticalizado, simboliza a quinta etapa, onde Horus aparece vitorioso após a luta com Seth. Nesta batalha Horus perdeu seu olho lunar, que lhe impedia de ver o mundo espiritual, e conquistou o Oudjat.



SETH

HORUS

A sexta etapa é aquela em que o homem realiza sua própria síntese, e está representada por Djed, o pilar da estabilidade, através do qual circulará a energia do espírito nutrindo o superior e o inferior, recriando assim o eixo vertical da primeira etapa, porém num plano mais elevado, e abrindo o caminho para o sétimo e último passo, cujo símbolo é Quepher, o escaravelho alado, que indica o renas-

cimento espiritual, a consciência cósmica iniciando o vôo de retorno para se fundir em Amon-Rá. O candidato tomará aqui a barca dos imortais e percorrerá o espaço repetindo as litanias: “Eu sou o hoje, eu sou o ontem, eu sou o amanhã”.

O Homem e o Templo

As etapas da iniciação egípcia estão representadas no percurso que todo candidato faz a partir do mundo profano até ingressar no *Sanctum sanctorum*.

O início pressupõe uma busca. Antes de chegar ao templo, o aspirante encontrará nas margens do Caminho as esfinges, que anunciam com sua estabilidade a proximidade do sagrado, do espiritual. A eterna sentença das esfinges: “Decifra-me ou devoro-te” é a mesma que repetem silenciosamente todas as coisas da vida, que nos rodeiam; tudo exige ser desvendado, tudo nos desafia a rasgar os véus da aparência e penetrar no âmago, no coração, onde a Verdade e a Realidade habitam desde o início dos tempos.

Ultrapassado este caminho flanqueado por enigmas, o candidato chega ao grande portal do muro que protege o templo. Este portal, ou Pylon, separa o mundo exterior do mundo interior, o profano, do sagrado, e está ornamentado com obeliscos ou mastros com auriflamas; os primeiros são símbolos do poder de fixar as energias do sol, e as flâmulas o de propagar estas energias no recinto do templo.

Transposto este portal, o candidato enfrenta corredores com colunas em que estão gravadas cenas do templo e da vida do templo. Estes corredores ao ar livre formam um grande pátio, que representa o lugar do sentimento, onde o candidato vive a porção de céu que lhe corresponde por devoção.

Imediatamente está a sala hipóstila que, também repleta de colunas, simboliza o mundo mental concreto, o bosque das idéias que floresceram.

A seguir entra-se num recinto que tem, como único ornamento, uma barca solar, expressão materializada de um sonho que alguma vez desabrochará, e receptáculo da faísca do mistério.

Finalmente, aparece o homem-pássaro, um homem com asas, ou uma andorinha com cabeça humana, simbolizando o deus interno que já despertou e atingiu a parte mais interna do templo, aparentemente a menos importante, onde aparece gravada a imagem de um personagem totalmente vestido de branco, em atitude de adoração. Neste último



Avenida de esfinges

degrau da longa caminhada, a entrada da luz ilumina o recinto inteiro, símbolo da mais excelsa espiritualidade, pois é a luz do espírito que faz com que as coisas se tornem visíveis; o personagem vestido de branco representa o homem divinizado.

Assim, de maneira simples, os egípcios explicavam o que o homem deve chegar a ser. A diferença entre o templo e o homem é que o templo representa dentro do espaço e num único tempo o que o homem deve desenvolver no tempo e em vários



Templo de Hatshepsut

espaços. É o mistério da metamorfose para passar da árida pedra à consciência luminosa.

Dentre os escritos atribuídos a Hermes Trimegisto encontramos este que, pela sua beleza e profundidade, acreditamos justo transcrever:

*Oh! Alma cega!
Colhe a tocha dos mistérios
E na noite terrestre
Descobrirás teu duplo luminoso,
Tua alma celeste.*

*Segue o guia divino
E que Ele seja teu gênio
Porque Ele tem a chave de tuas existências
Passadas e Futuras.*

*Escutai dentro de vós mesmos
E mirai no infinito
Do Espaço e do Tempo.*

*Ali se escuta o canto dos Astros,
A voz dos Números,
A harmonia das Esferas.*

*Cada Sol
É um pensamento de Deus, e cada planeta
Uma forma deste pensamento.*

*Conhecei o pensamento divino, oh! Almas!
É a razão pela qual desceis
E subis penosamente
O caminho dos céus.*

*O que fazem os Astros?
O que dizem os Números?
O que desenham as Esferas?*

Oh! Almas perdidas ou salvas!

*Dizem,
Cantam,
Desenham vossos destinos.*

Caminhante, olha os deuses, deixa que te abracem; escuta o vento que canta entre as pedras milenares, ele te contará uma história sobre a luz que aguarda tua descoberta!

Basílio Pawlowicz

NADA ESTÁ LONGE DE TI

Nada está longe de ti.
As distâncias!
Que importam as distâncias?
Bem sabes que as distâncias só existem para teu corpo.
Tua alma se encontra perto de todas as coisas.
Mais ainda: tua alma está na essência mesma de todas as coisas.
Sem teu corpo, nem a luz, com seus trezentos mil quilômetros de velocidade por segundo, igualaria o voo do teu pensamento.
Se olhares bem, tudo se encontra a teu alcance.
Não há estrela a que não possas chamar tua.
Move teu pensamento com liberdade absoluta. Acostuma-o a altos vãos progressivos. Tenta o recorde da altura. . .
Deixa-o ir e vir através do Universo.
Cada dia te darás mais conta da aparência e da mentira da tua jaula.
Com a noção da tua liberdade imensa, aumentarás teu desejo de posses eternas.
E há, por certo, uma posse que se te oferece a cada instante e que não tem limites: a posse de Deus.
Aceita-a.

DENTRO DE TI ESTÁ O SEGREDO

Busca dentro de ti a solução de todos os problemas, até daqueles que creias mais exteriores e materiais.
Dentro de ti está sempre o segredo; dentro de ti estão todos os segredos.
Também para te abrir caminho na selva virgem, também para levantar um muro, também para estender uma ponte, hás de buscar antes, em ti, o segredo.
Dentro de ti há, estendidas já, todas as pontes.
Estão cortados dentro de ti as brenhas e cipós que fecham os caminhos.
Todas as arquiteturas estão já erguidas dentro de ti.
Pergunta ao arquiteto escondido: ele te dará suas fórmulas.
Antes de sair à busca do machado de melhor corte, da picareta mais sólida, da pá mais resistente, entra em teu interior e pertunta. . .
E saberás o essencial de todos os problemas e se te ensinará a melhor de todas as fórmulas e se te dará a mais sólida de todas as ferramentas.
E acertarás constantemente, pois que dentro de ti levas a luz misteriosa de todos os segredos.

Amado Nervo



Página dos Leitores

CORRESPONDÊNCIA

Prezado Editor:

No último número editado, o 32, em cuja capa aparecem três divindades indianas, constam à página 1 as explicações de só duas: Ganesha e Sarasvati. Poderiam dizer-me quem é a terceira?

Receba minhas felicitações por tão interessante e incomum publicação.

A. L. — Niterói — RJ

THOT: De fato, por um erro involuntário omitimos a explicação de Lakshmi, a terceira divindade. Ela é a consorte de Vishnu e, portanto, o símbolo do feminino por excelência. Frequentemente aparece sob o nome de Sri, e na magnífica epopéia do Ramayana é considerada a deusa do Amor, da Beleza e da Prosperidade. Entretanto, em outros textos tradicionais, é a Senhora da Fortuna, que garantia o êxito e a continuidade do poder; por causa disto era invocada por reis e estadistas. Esperando contar com a sua compreensão e a de todos os leitores, agradecemos sua carta, que nos permitiu reparar a omissão cometida.

Senhores:

Li e recortei no OESP a notícia sobre o Concurso Nacional "Importância e Significado do Pensamento de Ortega y Gasset". Não tive tempo para participar do concurso. Tudo o que li sobre Ortega foi nos dois suplementos de jornais: Cultura (OESP) e Gazeta (Jornal de Brasília).

Venho solicitar uma cópia do trabalho vencedor, quando este for publicado. Deixo-lhes meu endereço e agradeço antecipadamente sua atenção.

J. F. M. — São Paulo — SP

THOT: Lamentamos que não tenha tido possibilidade de participar deste concurso; entretanto, estimamos que haverá outros concursos literário-filosóficos promovidos por esta publicação e a Associação Palas Athena, aos quais possa concorrer. Segun-

do consta nos editais do concurso, o trabalho que seja premiado em 1º lugar será publicado na íntegra nesta revista, possivelmente no número 34, que seguramente receberá. Gratos pelo seu interesse, informamos que a entrega de prêmios se realizará em cerimônia pública aqui na sede da Associação, às 20:00 hs. do dia 31 de março próximo, oportunidade em que o aguardamos.

THOT: Dado o grande número de cartas que recebemos solicitando exemplares atrasados desta publicação, passamos a indicar os números que ainda existem à disposição dos interessados: 7, 8, 11, 12, 13, e 16 a 32. Os mesmos podem ser solicitados por carta ou pessoalmente, à Rua Leôncio de Carvalho, 99 — Paraíso — CEP 04003 — São Paulo — telefone 288-7356.

THOT: Desejamos agradecer a todos os que nos enviaram votos de um feliz 1984, que retribuimos, esperando que todos nos reencontremos sempre amando a Verdade, a Beleza e a Retidão.

Ademar E. de Mello; Adolpho Cyriaco Nunes de Souza; Aloisio Costa; Assis Jaime Oliveira; Atmacharya Ashrama; Autêntica Equipamentos e Máquinas Ltda.; Banco Noroeste; Beatriz de Luca Ito; Beba e Máximo Mohadeb; Biblioteca Karl A. Boedecker; Blanca Nagose; Carlos Ferreira; Correcta Engenharia e Construção Ltda.; D. Isidoro O. S. B.; Daniel Poit; Denise Ramos; Diaulas Riedel; E. Sforzin e Cia.; Editora Fundo Educativo Brasileiro; Eico Suzuki; Eleonora Romano Aires; Elizabeth e Renaldo Spaolonzi; Faculdade Anhembí Morumbi; Faculdade e Conservatório Marcelo Tupinambá; Fernando Taulois da Costa; Fundação Bial de São Paulo; Global Editora; Grupo Rajarâm; Hemus Editora; Henrique Pinto; Henry I. Sobel; Indústria de Papel e Celulose de Salto S. A.; Instituto Goethe; Irene e Silvio Alexandre; Jandira Waters; Jagdish C. Jain; Jnana Mandirom; Jornal de São Paulo Zona Sul; José Antonio Machado Filla; José Luiz Archanjo; Kabengele Munanga; Kalpana Sharma; Karin Schindler; Kiyoko Hiramatsu; Liete de Freitas Alvarenga; Mansour Challita; Maria das Graças von Zastrow; Maria de Lourdes Pereira; Maria de Lourdes Polido; Maria e José Hermógenes de Andrade; Maria Mercedes Terren; Maria Theresia Masson; Marilda e Jaime Treiger; Marisa Mortari; Neyde Villaza Mortari; Núcleo de Yoga Ganesha; Orlando Rodante Filho; Papelaria Dux Ltda.; Roberto Ceron; Roseleine Baptista; Satyananda Ashram; Siderúrgica Fi-El S. A.; Shopping News; Sociedade de Obras Religiosas de Monteiro Lobato; Sociedade Teosófica no Brasil; Teresa de Barros Velloso; Thalysia Kleinert; Tintas Supercor Ltda.; Tonyan Khallyhabby; União das Comunidades Lusíadas; Vania Maria Neves; Wilson Ferraz.

Para receber uma assinatura anual da revista cultural THOT (seis números), envie cheque nominal no valor de Cr\$ 6.000,00, para Associação Palas Athena do Brasil, junto com seu nome e endereço completos.

Rua Leôncio de Carvalho, 99 - Paraíso
04003 — São Paulo — SP.

ASSINATURA THOT:

NÃO ADIE MAIS UM ENCONTRO CONSIGO MESMO!

Faça sua inscrição
para o Curso Livre:

INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO FILOSÓFICO

ÉTICA: aspectos ético-filosóficos do Bramanismo e Budismo (leitura comentada de Bhagavad Gita, A Voz do Silêncio e Dhammapada); o pensamento ético de Aristóteles, Plotino, Kant e Bertrand Russell; a ética cristã.

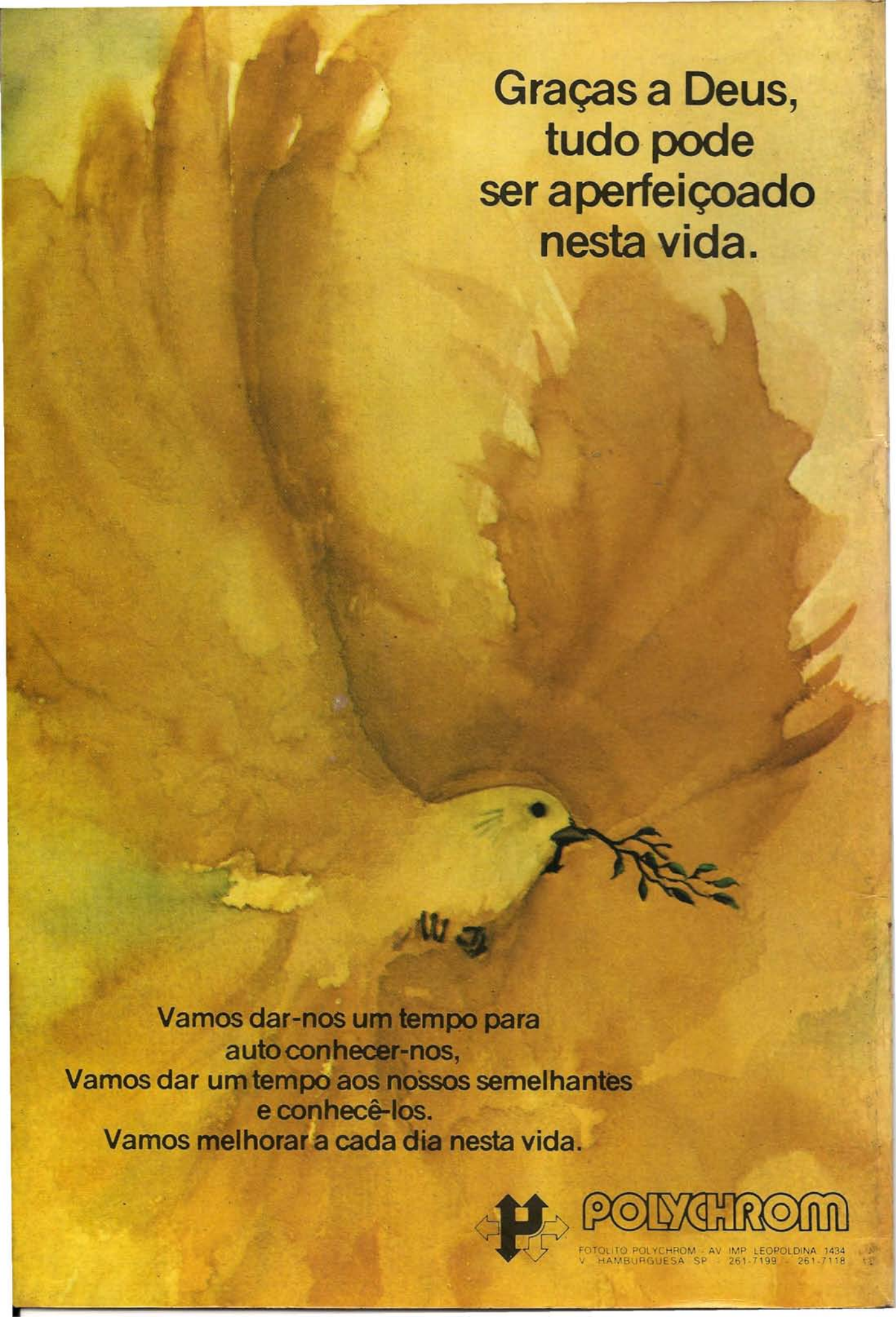
FILOSOFIA DA HISTÓRIA: introdução ao caráter geral da História; fundamentos teóricos; ciclos e ritmos históricos; História e Mitologia; teorias históricas de Cícero e Platão.

SÓCIO-POLÍTICA: análise comparativa de indivíduo, sociedade e estado, na visão clássica e moderna; a moral como fundamento do direito social e do dever político; estado liberal e estado dirigido.

IDADE MÍNIMA: 18 ANOS
AULAS UMA VEZ POR SEMANA
DURAÇÃO: 22 AULAS
INÍCIO TODOS OS MESES



INFORMAÇÕES:
RUA LEÔNCIO DE CARVALHO, 99
PARAÍSO — SÃO PAULO
SP. FONE: 288.7356.



Graças a Deus,
tudo pode
ser aperfeiçoado
nesta vida.

Vamos dar-nos um tempo para
auto conhecer-nos,
Vamos dar um tempo aos nossos semelhantes
e conhecê-los.
Vamos melhorar a cada dia nesta vida.



POLYCHROM

FOTOLITO POLYCHROM - AV. IMP. LEOPOLDINA 1434
V. HAMBURGUESA SP - 261-7199 - 261-7118